

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

PATRÍCIA GOULART PINHEIRO

**SABERES TRADICIONAIS DE MATRIZ AFRICANA E SUAS POTENCIALIDADES
NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA**

Porto Alegre - RS

Dezembro - 2018

PATRÍCIA GOULART PINHEIRO

**SABERES TRADICIONAIS DE MATRIZ AFRICANA E SUAS POTENCIALIDADES
NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Russel Teresinha Dutra da Rosa.

Co-Orientadora: Profa. Dra. Carla Beatriz Meinerz.

Porto Alegre - RS

Dezembro – 2018

*“quanto tempo faz
que estou poupando as palavras?”*

*caso se pergunte isso
já passou da hora de ir.”*

Ryane Leão – Tudo nela brilha e queima

*“Lendas impacientes falam através de meu corpo
mudando esta formação da terra
propagando
Irei me tornar eu mesma
uma encantação
negros ruidosos personagens de formas ásperas
pulando de um lado para o outro em páginas brandas
e Mãe Iemanjá levanta seus seios para começar meu parto
próximo à água
a bela Oxum e eu deitaremos juntas
no calor da verdade de seu corpo minha voz vem mais forte
Xangô será meu irmão rugindo para fora do mar
a terra treme nossa escuridão inchando uma na outra
ventos de alerta nos anunciarão vivos
enquanto Oyá, Oyá minha irmã minha filha
destrói as crostas das praias bem dispostas
e a risada negra de Exu revira a pura
areia adormecida.”*

Audre Lorde - Os ventos dos Orixás II

AGRADECIMENTOS

E eu agradeço,

As minhas ancestrais que me possibilitaram estar aqui hoje, que foram raízes e resistências antes mesmo de eu imaginar a vir a ser Patrícia.

Ao orixá guardião dos saberes das plantas, Ossain, por me permitir adentrar no mundo dos conhecimentos e filosofias das plantas.

As professoras Dra. Russel e Dra. Carla por aceitarem essa empreitada comigo, me guiando e orientando pelos caminhos da educação étnico-racial e das Ciências da Natureza.

As entrevistadas Íyá Sandrali e Dona Elaine por propiciarem as conversas para o trabalho, contanto um pouco da vasta sabedoria que possuem e marcando enormemente a minha jornada.

A minha Mãezinha, que mesmo não estando mais junto de mim, foi quem me aflorou o desejo de compreender o mundo com um olhar afetuoso. Um dia iremos nos encontrar novamente!

Ao meu companheiro Raul, que foi incansável quando eu estava cansada, que me levantou, me cuidou, me acalmou e me disse que tudo ia ficar bem. Eu te amo!

Ao Mano, o Gordo e a Gabi, por serem as pessoas que me orgulho de chamar de irmãos. Cada um a sua forma adicionando luz, força e a amor a nossa família.

A minha gata Chico, que esteve comigo nessas intermináveis noites de estudo e trabalho.

A banca examinadora, por me darem o prazer das suas valiosas contribuições.

Oferto este trabalho a minha Mãe, minha raiz, minha antepassada e a Zoé, minha sobrinha, sementinha recém germinada.

RESUMO

A nação brasileira, desde sua colonização, carrega em sua genética e na sua cultura um pedaço da África, sendo o Atlântico Negro um grande canal por onde fluem saberes, costumes e modos de viver. Por isso, o presente estudo tem por objetivo encontrar as potencialidades dos saberes tradicionais de matriz africana no ensino de Ciências da Natureza, para uma educação antirracista no ensino de Biologia. Através da valorização dos conhecimentos tradicionais tendo como enfoque o estudo e a presença da Botânica nas tradições religiosas e familiares da população negra no Rio Grande do Sul. A metodologia incluiu entrevistas com griôs afro-gaúchas, o registro escrito de seus saberes e posterior análise das categorias temáticas: Cosmossensação Aflorada, de flora, no sentido biológico, como conjunto de espécies vegetais características de determinada área; Filosofia Aflorada, de flora referindo-se ao nome das casas que comercializam artigos religiosos de matriz-africana e; Remédio Aflorado, de aflorar do verbo que indica o ato de trazer à superfície. Os resultados destacam a existência de um fluxo de trocas de saberes acerca da flora, em intersecção com a ideia de sustentabilidade socioambiental.

Palavras-chave: Saberes Tradicionais. Ciências da Natureza. Griôs Gaúchos. Cosmossensação Aflorada. Filosofia Aflorada. Remédio Aflorado. Sustentabilidade Socioambiental.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
<i>Ensino de Ciências da Natureza e Relações Étnico-raciais.....</i>	9
<i>Os contatos Brasil e África</i>	11
<i>Tradição de matriz africana.....</i>	13
2. METODOLOGIA.....	14
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	17
<i>Cosmossensação Aflorada.....</i>	19
<i>Filosofia Aflorada</i>	25
<i>Remédio Aflorado</i>	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
6. ANEXOS	38

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem a intenção de encontrar nos saberes ancestrais¹ da diáspora negra² potencialidades para serem incorporadas ao ensino de Ciências da Natureza, mais especificamente no componente curricular Biologia nos temas relativos aos conhecimentos sobre os vegetais. É necessário que pensemos nisso, pois as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, o Parecer CNE/CP 003/2004, “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” e o Parecer CNE/CEB 14/2015 “Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígena na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008”, estabelecem a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena em todos os componentes curriculares e em todos os níveis de ensino (BRASIL, 2004). As duas leis citadas e os pareceres representam grandes conquistas dos movimentos sociais negros e indígenas, pois essa demanda envolveu muitos anos de lutas de ambas as comunidades por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos educacionais e de suas culturas. Neste trabalho iremos nos centralizar apenas nos referenciais negros.

Como consta no Parecer CNE/CP 003/2004 (BRASIL, 2004), a obrigatoriedade da temática da Educação das Relações Étnico Raciais (ERER) amplia o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira, ou seja, torna possível o conhecimento do papel histórico e cultural de cada povo que compõe a sociedade brasileira. Para tanto, se torna necessário repensar os processos pedagógicos e de ensino e as condições de aprendizagem oferecidas pelas escolas.

Para que se obtenha sucesso na abordagem das questões apresentadas, é necessário seguir princípios plurais de ideias e de concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade. Porém, são pouco comuns currículos que abordem de maneira integrada temas de estudo que perpassem diferentes áreas do conhecimento. Então, mesmo com as exigências das leis, as temáticas das Relações Étnico-Raciais e a Educação Ambiental não são

¹ Saberes ancestrais são os saberes dos mais velhos, dos vivos e dos não vivos, que passam de geração em geração.

² Diáspora negra ou diáspora africana designam diversos movimentos de imigração forçada de mulheres e homens negros do continente Africano para outras regiões do mundo.

apresentadas aos alunos de forma a conectar os diferentes componentes curriculares e os saberes tradicionais.

Então, dentro do que nos cabe, nesta pesquisa buscamos por conhecimentos que possibilitem o cumprimento dessa regulamentação legal no ensino de Ciências da Natureza.

Em vista disso, é imprescindível valorizar os saberes historicamente excluídos das instituições educativas e problematizar a marginalização daqueles que os detêm. Portanto, neste trabalho ao darmos visibilidade aos conhecimentos tradicionais intencionamos mostrar as suas contribuições ao conhecimento, à cultura e também para formas de se relacionar com a natureza que promovam a sustentabilidade socioambiental. Por esse motivo buscamos duas mulheres reconhecidas pela população afro-gaúcha³ por possuírem conhecimentos da diáspora africana no Rio Grande do Sul e que empregam plantas em práticas tradicionais⁴, a Ìyálorixá⁵ Sandrali de Campos Bueno e a Mestra Griô⁶ Maria Elaine Rodrigues Espíndola. Ao longo do texto elas serão designadas como Ìyá Sandrali e Dona Elaine, respectivamente. Foram realizadas entrevistas com as griôs e sistematizados os conhecimentos que envolviam plantas. Tendo caráter de conversa informal as entrevistas geraram reflexões imediatas à ocasião e, posteriormente, serviram para construir as análises de transcrições e de leituras dos registros.

³ O termo afro-gaúcho se refere à história, cultura e valores afro-brasileiros no estado do Rio Grande do Sul.

⁴ Entendemos por práticas tradicionais o uso das plantas em chás, ervas, poções e benzeduras para fins medicinais e seus usos sagrados nos terreiros.

⁵ Ìyálorixás são sacerdotisas e chefes de terreiros de Candomblé queto. Ìyá em Yorubá significa mãe.

⁶ Mestras e Mestres Griôs são poetas e comunicadores sociais, mediadores da transmissão oral, bibliotecas vivas de todos os saberes e fazeres da tradição, sábios da tradição oral que representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado na oralidade.

Revisão da Literatura

Ensino de Ciências da Natureza e Relações Étnico-raciais

Em um artigo recente Chagas (2017) analisou qualitativamente 30 projetos de ação dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana desenvolvidos por docentes do Ensino Fundamental I (27 projetos) e Fundamental II (3 projetos), em escolas municipais localizadas em diversas cidades da Paraíba. Como um de seus resultados obteve o indicativo de que os docentes das áreas de Ciências da Natureza e de Matemática não desenvolveram projetos que visassem refletir sobre as relações étnico-raciais e sobre as perspectivas culturais de matriz africana e indígena acerca de temáticas dessas áreas de conhecimento. Nas suas conclusões salientou que essa carência pode causar nos alunos a impressão de que as pessoas negras e indígenas não participam da construção dos conhecimentos das Ciências da Natureza e Matemática. Esse artigo serve de exemplo para ilustrar a urgência de se pensar sobre as relações étnico-raciais no Ensino de Ciências. E para mudarmos essas realidades, segundo Meinerz (2017), é necessário o diálogo com os conhecimentos de intelectuais negros e indígenas.

O biólogo Douglas Verrangia, professor da Universidade Federal de São Carlos, é exemplo de intelectual que faz esse diálogo na área de Ciências da Natureza atuando na formação de professores, principalmente de Ciências e Biologia abordando os temas de ensino-aprendizagem de conceitos científicos e relações sociais, com ênfase nas relações étnico-raciais. Segundo o autor, o Ensino de Ciências da Natureza precisa, além de abordar os conhecimentos científicos eurocentrados, dar espaço aos diferentes saberes científicos de povos tradicionais sobre a vida, a flora e a fauna, as relações ecológicas, os cuidados com a saúde, os hábitos alimentares, etc. Podem ser utilizadas em sala de aula fábulas, mitos e provérbios de matriz africana que abordem os conteúdos estudados, com a intenção de valorizar a diversidade cultural (VERRANGIA, 2010). Uma vez que esses conhecimentos se baseiam em relações equilibradas com o meio ambiente tornam-se referenciais de sustentabilidade socioambiental e podem fomentar a identificação dos estudantes, independentemente de sua pertença racial, como integrantes da natureza (BRASIL, 2012).

O Parecer CNE/CP 14/2012, “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA)”, estimula o reconhecimento e a valorização da diversidade dos múltiplos saberes e olhares científicos e populares sobre o meio ambiente, em especial de povos originários e de comunidades tradicionais (BRASIL, 2012). Partindo do pressuposto de que o ensino de Ciências da Natureza tem papel de formar pessoas para o exercício da cidadania, de relações sociais positivas e de engajamento pela eliminação de quaisquer formas de desigualdade social e de discriminação, Verrangia (2010) sugere a elaboração de atividades de ensino sob a ótica cultural das populações tradicionais africanas e afro-brasileiras. Segundo Alcaraz (2015), dialogar com os saberes e as narrativas tradicionais contribui para a desconstrução das visões de mundo eurocêntricas, permite a ocorrência do contato, do aprendizado e da valorização de parte da cultura africana e afro-brasileira que se encontra discriminada, por falta de conhecimento, e fortalece as identidades de alunos negros.

No ensino de Ciências da Natureza o processo de aprendizagem é frequentemente empregado como sinônimo de transmissão e reprodução de informações desconectadas das realidades dos alunos o que está longe das propostas trazidas por Alcaraz (2015). Assim, buscando contribuir para um Ensino de Ciências que dialogasse com a bagagem de conhecimentos dos estudantes, a partir do edital de avaliação de livros didáticos de Ciências, foram propostos princípios orientadores. Tais princípios visavam superar a organização do ensino a partir de uma longa lista de conteúdos fragmentados, buscando focar processos da ciência, incluindo, além de conceitos, princípios e teorias, habilidades, atitudes e valores da ciência (Guia PNLD, 2008).

O presente projeto de pesquisa ambicionou ampliar ainda mais o contato do Ensino de Ciências com as realidades dos estudantes, buscando identificar as potencialidades dos saberes tradicionais, da história e das culturas africana e afro-brasileira para o estudo das plantas.

Os contatos Brasil e África

Este trabalho conta um fragmento da antiga história de união marcada por trocas e transformações mútuas ocorridas no contato entre Brasil e África. Aqui pensaremos nas influências que o território Brasileiro e o continente Africano têm um no outro do ponto de vistas biogeográfico⁷ e cultural.

A origem geológica da América do Sul e da África se deu com a divisão do supercontinente Gondwana Ocidental a 110 milhões de anos (FIASCHI et al., 2016). Podemos considerá-los irmãos gêmeos siameses que mesmo longe geograficamente continuam a influenciar o modo de ser um do outro. Há uma partilha entre Brasil e África de fatores ecológicos, quanto ao clima e à biodiversidade, que aproximam os dois ambientes, mas os mantêm singulares. Devido à região que ocupam no globo, o Brasil e alguns países africanos recebem a mesma intensidade de radiação solar e, também por outros fatores biogeográficos, possuem a flora semelhante.

Estudos como o de Ritter e Waechter (2004) demonstram a existência de espécies, como por exemplo, *Mikania microptera* (planta popularmente conhecida como guaco), que se dispersaram à longa distância, ocorrendo tanto no continente sul-americano quanto no continente africano. O transporte de sementes se dá por ação dos ventos, por ação de animais, entre outros, e possibilita a alguns grupos de plantas ocuparem espaços distantes entre si.

Além das condições biogeográficas que guardam semelhanças, as quais interferem em processos evolutivos da vegetação nos dois continentes, a nação brasileira, a partir da colonização, carrega em sua genética e na sua cultura um pedaço da África, sendo o Atlântico Negro um grande canal por onde fluem saberes, costumes e modos de viver.

Os movimentos que levaram os povos africanos e afrodescendentes para fora da África se deram, em parte, pelos tráficos internacionais de cativos (através do Oceano Índico, deserto do Saara e do Oceano Atlântico), devido às guerras internas, ao colonialismo europeu, e às perseguições políticas e religiosas. Desses processos resultou o que hoje designamos como diáspora negra ou africana (MACEDO, 2016). Por terem sido arrancadas contra a própria vontade de seus países originários, no processo de diáspora negra, as pessoas ao chegaram a países como o Brasil

⁷ Biogeografia é o estudo das relações entre a distribuição das espécies de seres vivos e as características climáticas e geológicas das regiões geográficas.

carregavam as suas memórias, seus conhecimentos e suas formas de se conectar com o mundo.

Tradição de matriz africana

Embora o sequestro e a escravização tenham privado as pessoas de todos os seus bens materiais e principalmente da possibilidade de decidir sobre os seus destinos, elas carregavam e disseminavam um imenso cabedal de saberes. Os conhecimentos conjugados com a enorme capacidade de resistência aos processos violentos conduzidos nesse movimento diaspórico foram determinantes para que houvesse uma difusão de suas energias sagradas o que ocasionou a manutenção e a transformação em legado das tradições vindas do continente africano.

Os saberes da diáspora africana no Brasil são ancorados na ancestralidade e compõem uma raiz cultural, que difere no sentido de mundo, nos valores e nos princípios dos saberes de origem indígena, europeia e asiática (BRASIL, 2004). Segundo Noguera (2017, nota 11, p. 83), “[...] ancestrais são aquelas pessoas que deixaram o mundo de presente e mantêm uma relação de diálogo com a sua descendência, contribuindo para o desenvolvimento das pessoas vivas”. Desse modo, a ancestralidade remete aos mortos veneráveis, sejam os da família extensa, da aldeia, do quilombo, da cidade, do reino ou do império, e à reverência às forças cósmicas que governam o universo, a natureza (BRASIL, 2006).

Os conhecimentos dos ancestrais são transmitidos entre as gerações pela tradição oral, mantida pelas pessoas mais velhas e sábias das comunidades. Essas pessoas são designadas como Griôs. O historiador africano Hampaté Bâ (1980) nos auxilia a fundamentar o que compreendemos por Griô neste trabalho. Segundo o historiador, o termo tem origem na palavra francesa *griots*, empregada para designar aqueles chamados de dieli, em Bambara, língua da África Ocidental; a eles é atribuído o papel de atuar como narradores orais, músicos e/ou cantores que colhem e fornecem uma fonte de informações de absoluta confiança. Como bem expressa o historiador: “[...] uma vez que a sociedade africana está fundamentalmente baseada no diálogo entre os indivíduos e na comunicação entre comunidades ou grupos étnicos, os *griots* são os agentes ativos e naturais nessas conversações” (p. 195). No Brasil, mestres guardiões de saberes tradicionais são considerados griôs, muitas vezes certificados pelo Ministério da Cultura ou por gestores de cultura local, como é o caso da entrevistada Mestra Griô Dona Elaine. A entrevistada Ìyá Sandrali é autoridade de saber pela sua posição de Ìyálorixá.

2. METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado a partir dos conhecimentos compartilhados pelas duas grêos por meio de entrevista e configura-se como uma pesquisa de natureza qualitativa. A pesquisa qualitativa em educação segundo Bogdan e Biklen (1994), é descritiva, visando registrar a perspectiva dos participantes, os sentidos que atribuem às suas vidas, as suas circunstâncias de existência, o que dizem a respeito dos coletivos aos quais pertencem, bem como o contexto sócio-histórico mais amplo. Os significados das narrativas, dos atos e das palavras são compreendidos a partir do contexto, sendo os detalhes da descrição relevantes. Esse tipo de pesquisa é indutiva e não busca confirmar hipóteses prévias, sendo as compreensões acerca da realidade construídas pelo agrupamento de informações recorrentes.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), “[...] a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.” (p. 134). Para os autores, em estudos que têm a entrevista como fonte principal de informações elas costumam ser longas e realizadas com poucos sujeitos, podendo admitir também a consulta a outras informações documentais disponíveis.

O investigador é o principal instrumento de coleta e análise de informações com o objetivo de elucidar questões, considerando a riqueza de informações registradas e transcritas. É despendido muito tempo buscando construir vínculos com os informantes por meio de conversas informais, podendo ser utilizados equipamentos para registros dos diálogos além de apontamentos em um diário. É feito um esforço de reconstrução de processos que buscam compreender como e quando certos termos passaram a ser utilizados, como os significados são negociados.

A pesquisa se deu por meio de entrevistas em profundidade com duas mulheres negras selecionadas em razão dos extensos trabalhos que ambas desempenham em prol da conservação, do reconhecimento e da difusão dos saberes de matriz africana, mais propriamente dos saberes afro-gaúchos. Em virtude de suas singularidades são consideradas pelos movimentos negros gaúchos como Mestras grêos. O contato inicial com elas se deu, em 2017, nas aulas que

ministraram na terceira edição do curso de extensão “Territórios Negros: Patrimônios Afro-brasileiros em Porto Alegre” do qual a pesquisadora deste trabalho foi cursista.

As entrevistas realizadas, a partir de um roteiro-semiestruturado, consistiram em um tipo de conversa intencional iniciada geralmente da seguinte maneira: Conte sobre a história de sua vida e a importância do contato com as plantas. O que a senhora aprendeu quando era mais nova e carrega até os dias de hoje? Ao longo da conversa, o foco era orientado por algumas questões iniciais: relação da vivência pessoal com as plantas, religiosidade de matriz afro-brasileira, cosmovisão, conservação e preservação da natureza. Quando esses temas apareciam na fala das grêos eram retomados e eram solicitadas mais informações. Em uma das entrevistas esse procedimento foi mais frequente enquanto na outra os tópicos foram percorridos pela entrevistada espontaneamente sem que fossem necessárias muitas intervenções. A entrevista com a Dona Elaine ocorreu na sua residência e a entrevista com a Iyá Sandrali foi no seu local de trabalho. Ambas foram gravadas, mediante autorização prévia, com a ferramenta de gravação do celular da pesquisadora e duraram pouco mais de uma hora.

O procedimento de transcrição das entrevistas se deu com a escuta dos áudios gravados e com a escrita de um texto para cada entrevistada. Uma das entrevistas foi completamente transcrita e a outra, como a entrevistada falou de outros assuntos, durante a entrevista, só teve transcritos os trechos pertinentes a este estudo, sendo, por isso, necessário organizar o texto em tópicos.

A análise de conteúdo foi feita por meio da exploração do material transcrito com leitura e releitura, com o recorte de unidades de registro que são trechos das entrevistas contendo ideias, enunciados e proposições significativas que expressavam sentidos categorizados em temas.

Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. [...] O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. (BARDIN, 1979, p.105-106).

O tipo de análise realizada conforme Bardin (1979) pode ser designada como análise da enunciação típica de entrevistas centradas sobre a pessoa em que o foco é o ponto de vista e o quadro de referência do entrevistado, buscando-se compreender a sua lógica. Cada entrevista forma um todo original e singular. Esse

tipo de análise parte de um discurso dinâmico em transformação durante o próprio ato de falar.

As categorias temáticas são formas de pensamento compartilhadas por alguns sujeitos que revelam suas perspectivas e também das perspectivas do investigador que influenciaram a seleção de processos, atividades, acontecimentos que produzem sentido e são considerados relevantes (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

A categorização temática teve também como parâmetro o potencial de exploração pedagógica de saberes tradicionais afro-brasileiros no ensino de Ciências da Natureza.

As entrevistas foram realizadas dentro de parâmetros éticos, sendo as participantes informadas dos objetivos da pesquisa. Elas concordaram em participar do projeto assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1).

Como os nomes das grãos foram preservados, sendo reconhecidas as autorias de seus saberes nesta pesquisa e em outras publicações, a transcrição das entrevistas e o rascunho das análises foi submetido a sua apreciação e avaliação antes da divulgação dos resultados. Esse tipo de procedimento é próprio à pesquisa qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, serão apresentadas as duas griôs entrevistadas, para depois, expor os trechos das entrevistas, as análises e as interpretações dos sentidos da transcrição dos depoimentos das duas autoridades em saberes afro-gaúchos.

A Ìyálorixá Sandrali de Campos Bueno é uma mulher negra e ativista social que atua como Autoridade Civilizatória de Matriz Africana. É psicóloga, servidora pública e secretária executiva do Conselho do Povo de Terreiro no Rio Grande do Sul.

A Mestra Griô Maria Elaine Rodrigues Espíndola é uma mulher negra e ativista social que atua na Associação Comunitária Amigos e Moradores do Bairro Cidade Baixa e Arredores (MOCAMBO), organização voltada à preservação das memórias e culturas afro-gaúchas, considerada como uma instituição de preservação do patrimônio cultural imaterial da cidade. Possui reconhecimento como Griô pelo Projeto Museu de Percurso do Negro/Centro de Referência Afro-brasileira/Programa MONUMENTA (2009) e pela Câmara Municipal de Porto Alegre (2010).

As duas são parceiras da comunidade da UFRGS em atividades de extensão do Programa Territórios Negros: Patrimônios Afro-brasileiros em Porto Alegre, atuando na formação inicial e continuada de estudantes de graduação e de professores, respectivamente. A Dona Elaine ainda atua nas atividades de ensino de graduação na disciplina Encontro de Saberes.

A seguir, estão as análises realizadas a partir da transcrição e da seleção de trechos das entrevistas que tinham maior grau de proximidade com o tema do estudo. Os trechos das entrevistas foram organizados em três categorias temáticas, são elas: 1 – Cosmossensação Aflorada; 2 – Filosofia Aflorada; 3 – Remédio Aflorado⁸. No Quadro 1 estão apresentados os princípios utilizados para subdividir os trechos em cada categoria temática. É importante salientar que essas categorias não são puras porque há entrelaçamento dos seus significados, ou seja, um mesmo trecho selecionado pode ser enquadrado em mais de uma categoria. Porém, para

⁸ A escolha dos termos aflorado e aflorada para nomear as três categorias temáticas pretende expressar em conjunto três significados: (a) flora, no sentido biológico, como conjunto de espécies vegetais características de determinada área; (b) flora referindo-se ao nome das casas que comercializam artigos religiosos de matriz-africana e; (c) aflorar do verbo que indica o ato de trazer à superfície.

uma melhor organização da escrita do trabalho optamos por organizar o registro dos depoimentos dessa forma.

(1) COSMOSENSAÇÃO AFLORADA

- Todos os seres vivos, humanos, não humanos e ancestrais, bem como componentes da natureza como a água, a terra, o ar e o fogo, sentem, percebem e agem.
- Sentir, perceber e conhecer as plantas e seus poderes curativos e sagrados com todo o corpo, com seis sentidos - visão, tato, olfato, paladar, audição e intuição.

(2) FILOSOFIA AFLORADA

- Compreensão dos seres vivos humanos e não-humanos e os seres não vivos como parte de um coletivo, onde um se reconhece no outro.
- Afirmação dos conhecimentos tradicionais na academia apontando para valorização histórico-cultural.

(3) REMÉDIO AFLORADO

- Práticas de mulheres mais velhas empregando palavras, gestos, rezas, benzeduras, ervas, chás, poções, e um bom olhar que acalme, previna doenças e faça melhorar.
- Afirmação do valor das práticas de cura de matriz africana em comparação com a medicina alopática. Esse conhecimento costuma ser utilizado para produção farmacológica.

Quadro 1: Categorias temáticas – (1) Cosmossensação Aflorada; (2) Filosofia Aflorada; e (3) Remédio Aflorado - e os seus significados nos contextos de trechos das entrevistas.

Cosmossensação Aflorada

*Quando os ventos dos Orixás sopram
até a raiz da grama
desperta.*

(Audre Lorde⁹ - A invocação dos orixás III)

Tentamos com o trecho acima, retirado do poema da escritora Audre Lorde, trazer a reflexão sobre o termo cosmossensação. A ideia de a grama sentir o vento dos orixás com todo o seu corpo a ponto de despertar nos aproxima do modo como as culturas de origem africana entendem a sua presença e a sua conexão com o mundo. A socióloga nigeriana Oyèronké Oyěwùmí sintetiza o termo:

El término “visión del mundo” que se usa en Occidente para sintetizar la lógica cultural de una sociedad, expresa adecuadamente la prerrogativa occidental de la dimensión visual. Pero resulta eurocéntrico utilizarlo para referirse a las culturas que posiblemente den prioridad a otros sentidos. El calificativo “sentido del mundo” es una alternativa de mayor apertura para describir la concepción del mundo por parte de diferentes grupos culturales (2017, p. 39).

Destacamos que o termo “sentido del mundo” apresentado pela autora se traduz em português para cosmossensação e embora as traduções não sejam totalmente correspondentes os termos abrangem a mesma ideia. Esse conceito tem se tornado presente atualmente em investigações de estudiosos que trabalham com filosofias africanas e afrodescendentes, como a própria autora citada e Renato Noguera (2017, p. 76) que prefere esse conceito por abranger e articular todos os órgãos dos sentidos e não apenas a visão, incluindo ainda a intuição. Então, para abranger todas as formas de ser, estar e sentir das culturas de origem africana e uma parcela da população afro-gaúcha optamos por utilizar o termo cosmossensação neste trabalho. Desta forma, a expressão cosmovisão é englobada e não anulada pelo conceito cosmossensação.

A cosmossensação está presente na forma de interação com o mundo em que se sente o toque, o perfume, o gosto, o som, o que se vê e o que se sente com a alma. Portanto, tem um sentido mais amplo do que o termo cosmovisão,

⁹ Audre Lorde (1968 - 1992) foi uma mulher negra, lésbica, feminista, escritora e ativista nas lutas antirracista e da comunidade LGBT nos Estados Unidos.

empregado no contexto da racionalidade ocidental moderna. Os trechos abaixo, extraídos das entrevistas realizadas a Dona Elaine e a Ìyá Sandrali, expõem entendimentos embasados nas tradições populares e religiosas de matriz africana que se aproximam do sentido de cosmossensação, conforme definido por Oyěwùmí (2017) e Noguera (2017).

Quando perguntado a Ìyá Sandrali e a Dona Elaine sobre como a tradição de matriz africana interpreta a natureza e a relação com a cosmovisão africana obtivemos as seguintes respostas:

Ìyá Sandrali: [...] tem a ver com a cosmovisão, com a cosmossensação, com a cosmopercepção. **Todos os seres humanos sentem e percebem.** Mas a ciência moderna faz com que tu te enquadres em determinados estereótipos, em determinados quadradinhos. E faz de forma cartesiana. Logo que: **“eu penso, logo existo.”. Na tradição de matriz africana a lógica não é essa, e sim: “eu sinto, eu existo”, “eu sinto, eu percebo”.** Na natureza tudo é através do corpo. E depois eu penso. E o pensamento não é uma coisa assim: “ah tá”. **Pensar para nós é um ato** . Nós estamos agora aqui elaborando um monte de coisas, elaborando um monte de conceitos aqui juntas. Mas isso só vai ter sentido quando tiver a ação. É agir, porque se não perde o sentido. Aí sim eu falo: **“eu penso, eu ajo, por isso eu existo”.** Mas então eu preciso sentir isso primeiro. Não é a toa que a gente tem cinco sentidos. E ainda tem um sexto que é esquecido. Que é o mais importante! Por exemplo, no momento, se eu não tivesse o olhar, a visão para estar te enxergando, eu usaria outro tipo de sentido, a audição, o toque. E aí eu tenho falado inclusive na questão que para nós, quando a gente diz: **“o racismo é coisa de pele.” É porque ele nos pega como um todo. É todo porque a pele é o maior órgão do corpo.** Até isso. Para nós não tem saída. E se as pessoas não perceberem isso, nós vamos acabar cada vez mais sendo arrastados para a barbárie. A humanidade como um todo. Então, esse princípio de que **nós somos e só somos porque outros são. Porque o outro, para nós, é nós** (grifos nossos).

Dona Elaine: [...] Na Mocambo a gente faz essa busca e esse resgate. **A gente busca essa presença da natureza,** com toda essa teimosia de manter - nem que seja uma arvorezinha ali - para dizer que quando tu passas por essa Cidade Baixa, tu não imaginas o que tem lá dentro. **De almas, de vidas que passaram por ali, dos que lutaram e também são resistência ali, assim como de uma pequena planta que resiste ali dentro.** Porque lá fora tem aquelas árvores que se adaptaram

com a rua, estão sufocadas pela fumaça dos carros; **porém lá dentro tem umas que tentam ficar purificadas** (grifos nossos).

Podemos perceber nos dois trechos que a cosmossensação está associada à consciência de uma ancestralidade, sendo importante o legado, a lembrança e a reverência a pessoas que viveram em outros tempos. Noguera (2018, p. 71-72) menciona, na cultura lorubá, a importância das homenagens aos ancestrais (Eguns¹⁰), formas de demonstração de respeito e de gratidão a quem já havia passado pela terra, preparando e cuidando do mundo, além de serem os que deram origem às novas gerações.

Nos trechos destacados das entrevistas, também se evidencia a importância da vegetação, que pode ter uma existência mais ou menos saudável, mais ou menos pura, mais ou menos sagrada. No grifo da fala da Iyá Sandrali há a presença de elementos como sentir, perceber e a compreensão de que a natureza também sente por meio de corpos e por meio dos orixás protetores. Ou seja, as plantas, os animais, os mares, as montanhas, os seres humanos e tantos outros elementos que compõem a natureza sentem na totalidade de seus corpos. E essa sensação abarca também os espíritos de pessoas sem corpo e de orixás quando mantidos pela lembrança por meio de homenagens (NOGUERA, 2018, p. 83). O autor aponta que a cosmossensação abarca tanto os sentidos com os quais o mundo é percebido, quanto os elementos da natureza, a ancestralidade e a espiritualidade. Segundo Somé (2003) podemos entender espíritos ancestrais da seguinte maneira:

Quando falamos sobre a conexão com os espíritos de ancestrais, muitas pessoas entendem que nos referimos aos nossos ancestrais diretos. Mas isso seria difícil. Frequentemente, nem conhecemos nossos avós. Existe um conjunto de ancestrais – **não precisa ser uma pessoa ou espírito que conhecemos ou imaginamos. Pode ser uma árvore lá fora. Pode ser uma vaca, nosso cão ou gato, em casa.** O tataravô, que morreu há muitas gerações, pode ter se unido ao conjunto de espíritos, e o tataraneto nem consegue identificá-lo. **É possível que seja o riacho correndo ao longe** (grifos nossos). (2003, p. 28)

O descrito por Somé (2003) está em acordo com o trecho da entrevista de Dona Elaine grifado, correspondente à cosmossensação, mas a griô parece ir além desse entendimento, pois, segundo ela, a presença da natureza inclui uma totalidade de corpos humanos e não humanos e também de espíritos e divindades ligados a lutas e a resistências. Da mesma forma, no trecho da entrevista da Iyá

¹⁰ Egun é um termo das religiões de matriz africana que designa a alma ou espírito de qualquer pessoa falecida, iniciada ou não.

Sandrali quando ela fala que o racismo é coisa de pele e a pele sendo o maior órgão do corpo, que possibilita sentir, antes de pensar e agir sobre o mundo, é possível inferir que o racismo ataca a epistemologia de matriz africana, baseada na cosmossensação.

O trecho abaixo extraído da entrevista com Dona Elaine associa a cosmossensação aos saberes relacionados às plantas:

Dona Elaine: [...] Esses dias tive a questão de precisar do chá quebra-pedra por causa dos rins, ali tinha ele. Tu conheces quebra-pedra? Começas a notar que eles quase não nascem mais nas calçadas e nos paralelepípedos? Pelo contrário, está nascendo uma plantinha bem pequeninha, magrelinha, assim baixinha, bem parecida com ele. **Se tu não conheces, acaba não respeitando a planta. E tu pegas errado. Então, eu sempre ensinei meus filhos a conhecer as coisas pelo cheiro.** E também usar os sentidos. **O cheiro é algo que se detecta muito antes da mão abrir, porque pode estar escondido e tu não vês. Deves usar os olhos e ir também pelo cheiro.** “Hum, parece que não está muito bom...”. Daí tu olhas a outra parte, para ter certeza. **Então, essas coisas, do cheiro, do olhar, elas estão muito próximas das questões dos nossos que vieram da África.** Eu uso o exemplo do cidrô e da citronela, porque elas são parecidas e tu precisas cheirar para perceber a diferença. São sentidos que tu tens que usar, fazem parte de ti, nascem contigo e tu desenvolves eles no mundo (grifos nossos).

Esses saberes sobre as plantas associados à cosmossensação poderiam ser incorporados ao ensino de Ciências da Natureza, valorizando saberes que os estudantes possam trazer de suas comunidades e também os motivando para explorar a vegetação com todo o corpo. Na cosmossensação dispomos de elementos auditivos, táteis, palatáveis, olfativos, além dos visuais que estimulam a imaginação (NOGUERA, 2017). Portanto, a aproximação do ensino sobre as plantas da Educação das Relações Étnico-Raciais é possível ao ensinar a conhecer as plantas por inteiro. Os aromas, as texturas, os gostos, os sons que emitem no balançar dos ventos e também, como comumente é feito, pelas suas morfologias. Nesse sentido, como diz a Dona Elaine: “são sentidos que tu tens que usar, fazem parte de ti, nascem contigo e tu desenvolves eles no mundo.”

Entretanto, na tradição de matriz africana para sentir o outro é preciso respeitar o outro. Nessa perspectiva, o trecho de fala extraído da transcrição da entrevista a Ìyá Sandrali dá continuidade a essa ideia: “Nós da matriz africana temos que pedir licença, porque não arrancamos nada que não seja para a serventia. Tu tens que pedir licença para a Mãe Terra, tu tens que pedir licença para o espírito daquela planta.”. Sendo assim, além de utilizar os sentidos para o estudo e entendimento das plantas se faz necessário valer-se do sentido de respeito à

natureza entendida nesse contexto como sagrada. Seguindo na mesma linha de pensamento a Ìyá Sandrali diz:

Ìyá Sandrali: Nós todos somos a semelhança da natureza. Essa relação de ver as plantas, os animais como seres vivos. A água tendo vida também. [...] E por isso eu reforço, nós somos sim a semelhança dos nossos deuses. **As nossas divindades tem toda uma relação com a natureza, porque elas são a natureza** (grifos nossos).

Ìyá Sandrali: Na matriz africana, na iniciação, no principio da oralidade, na conversa junto, na troca de conhecimento, na troca de saberes, no respeito ao teu conhecimento, no respeito ao orixá que tem dentro de ti, em respeitar o sagrado que tu és. **Porque se eu te desrespeito eu estou desrespeitando a mim também. Se desrespeito o teu sagrado, estou desrespeitando o meu também** (grifos nossos).

Segundo os fragmentos acima, na concepção da matriz africana nós somos similares à natureza e a natureza é representada pelas divindades (englobando fatores bióticos e abióticos, como as plantas, os animais, as pedras, as águas doces e salgadas, os ventos, os raios, etc.). Portanto, o respeito às divindades e a nós como indivíduos se exprime em respeito à natureza. No ensino de Ciências da Natureza, os conteúdos de Botânica e Ecologia que abordam a preservação e a conservação da natureza podem aproximar a maneira como entendemos o respeito à natureza academicamente ao respeito ligado ao campo sagrado dos saberes de matriz africana. Essa possibilidade está prevista nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (Resolução do Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação – CNE/CP n. 2/2012):

CAPÍTULO II OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Art. 13. Com base no que dispõe a Lei nº 9.795, de 1999, são objetivos da Educação Ambiental a serem concretizados conforme cada fase, etapa, modalidade e nível de ensino:

VIII - promover o cuidado com a comunidade de vida, a integridade dos ecossistemas, a justiça econômica, a equidade social, étnica, racial e de gênero, e o diálogo para a convivência e a paz;

IX - promover os conhecimentos dos diversos grupos sociais formativos do País que utilizam e preservam a biodiversidade.

Investigar com os estudantes a presença das plantas e os seus sentidos sagrados por meio da consulta a pessoas mais velhas da comunidade, griôs, benzedeiros e líderes espirituais é uma forma de promover uma educação ambiental associada ao princípio da sustentabilidade socioambiental, conservando a biodiversidade a partir da valorização de saberes tradicionais.

Então, para pensar o ensino de Ciências da Natureza numa perspectiva antirracista precisamos reconhecer e entender as possibilidades que o termo cosmossensação nos concede. Para Oyěwùmí (2017, nota 134, p.83), o termo comossensação é mais holístico do que cosmovisão, pois reforça as totalidades e os pensamentos dos modos de ser. Assim, o ensino de Ciências e de Biologia precisa sentir no tocar, no cheirar, no ver, no provar, no ouvir e no respeitar. Como diz a Iyá Sandrali: “então, esse princípio de que nós somos e só somos porque outros são. Porque o outro, para nós, é nós.” Assim como a natureza somos nós e nós somos a natureza.

Filosofia Aflorada

Ìyá Sandrali: [...] Nos colocaram no lugar de religião, nós somos uma tradição. As religiões judaico cristãs têm seus ritos e mesmo assim são consideradas tradicionais. A mesma coisa nós, **também somos uma tradição e entendemos a espiritualidade da nossa forma** (grifos nossos).

É com esse recorte da entrevista a Ìyá Sandrali que iniciamos esse tópico em que pretendemos falar sobre a filosofia e a tradição que se ancoram na matriz africana no tocante à flora. Para tanto, se torna necessário elucidar o que foi pontuado pela Griô a respeito da tradição e do entendimento da espiritualidade dentro da mesma. Podemos inferir que a entrevistada compreende a religiosidade (concebida por meio de ritos) como inserida nas tradições de matriz africana, mas não correspondendo a integralidade da tradição. Ou seja, a religiosidade seria mais um dos modos de ser, de saber e de manifestar a tradição. O sociólogo José Carlos dos Anjos sublinha o valor dessa perspectiva para a compreensão da realidade:

O que raramente se levou realmente a sério é o empreendimento de reunir a regularidade dos conceitos construídos no terreiro para fazer ressaltar filosofias de dimensões similares àquelas canonizadas no ocidente. **Trata-se de uma operação radicalmente diferente de uma simples etnografia de uma tribo diferente ou uma pretensão de diálogo com uma outra cultura. Colocar uma filosofia não-ocidental numa posição de simetria com as filosofias ocidentais é fazê-la ressoar no interior do discurso antropológico.** Na linguagem dos terreiros seria fazer com que a filosofia nativa se ocupe da antropologia como um espírito se ocupa de um cavalo de santo (2008, p. 78). (grifos nossos).

Com a pontuação de dos Anjos podemos compreender que a tentativa de assimilação de conceitos da tradição e da religiosidade de matriz africana, seja na antropologia ou nas Ciências Biológicas, como aqui se pretende, passa pelo processo de elevar o conhecimento tradicional ao grau da filosofia, neste caso uma filosofia não-ocidental. Dessa forma esta tradição tão rica estará em posição paralela às filosofias ocidentais. E, empregando a expressão usada pelo sociólogo, fará a filosofia de matriz africana ressoar no interior do discurso científico biológico, isto é, fará com que ela se ocupe dos conhecimentos científicos biológicos como um espírito se ocupa de um cavalo de santo. Para tanto, daqui para diante, quando nos referirmos à complexidade contida na tradição e na religiosidade de matriz africana iremos utilizar o termo filosofia de matriz africana.

Dona Elaine: Eu digo que o comércio, essa coisa cruel do capitalismo, ela não te deixa mais tu seguir por esse caminho do saber tradicional (grifo nosso). As pessoas dizem assim: “Tu só acreditas em chá. O chá não vai te levar a nada”. Eu afirmo que não é só acreditar, pois também precisa ter o conhecimento para fazer uso desses saberes com cuidado, fazer a prevenção. [...] Mas também tem um momento que a própria cultura popular

te encaminha para outro saber que complete. **Só que tem que lembrar que um saber não é maior que o outro, não é melhor que o outro.** E é isso que a gente não está conseguindo, acho, sentar num círculo, num local e ter um fórum que possa debater isso. (grifos nossos).

No que concerne à flora, podemos destacar fragmentos da entrevista a Ìyá Sandrali. Quando perguntada sobre o Orixá que representa as plantas na filosofia de matriz africana a entrevistada respondeu:

Ìyá Sandrali: Ossanha. Ossain a gente fala. Ele é o guardião das plantas. [...] Tem, vou usar o termo, uma lenda, uma passagem, um itã, que diz: **“só ele tinha o poder do conhecimento das plantas. Ele é o médico da tradição de matriz africana.** E aí os outros orixás se reuniram e conversaram com a lansã: ‘só ele que tem esse poder’. E a lansã fez uma ventania e as folhas se espalharam. **Tanto que o chamado dele, o sagrado, é ewé, que é folhas.** Ewé, ewé, ewé porque ele fica desatinado quando as folhas começam a se espalhar. Então cada orixá fica com uma folha, uma planta, as quais pertencem a ele, alguns ficaram com mais de uma. **Mas o poder de utilização, o poder da mistura, o poder mágico, o poder da poção mágica, da poção de cura esse poder é do Ossain.** Mesmo os outros ficando lá cada um com as suas folhas, esse poder é dele.” (grifos nossos).

A entrevistada nos apresenta uma narrativa ou, como ela mesma diz, um itã sobre o Orixá Ossain (também denominado Ossanha e Ossãe) que expõe a proximidade da filosofia de matriz africana com a natureza e, além disso, retrata os orixás de forma humanizada, sendo eles possuidores de dons e de fraquezas. Indo ao encontro ao significado literal e holístico da palavra orixá podemos melhor entender essa aproximação:

Orixás são as forças da natureza, potências vivas e divinas que simbolizam a tempestade, a cachoeira, o trovão, o entardecer, o amanhecer, a lua, o sol, a mata, a floresta e todos os inúmeros fenômenos do meio ambiente. Os orixás também simbolizam atributos humanos: a maternidade, a paternidade, a vaidade, a capacidade de fazer guerra, a habilidade de firmar e manter a paz, o desejo de amar, o ciúme, a perspicácia, a inteligência, a inveja a malícia, a astúcia e a sabedoria, entre outros (NOGUERA, 2017, p. 65).

A resposta da entrevistada e a definição apresentada por Nogueira, em síntese, os orixás são formas de resgate e registro de saberes da filosofia de matriz africana. Portanto, servem como referências para pensarmos a natureza a partir desse ponto de vista, nos concedendo recursos para percebê-la de forma indissociável à cultura. Isto nos dá a possibilidade de pensarmos o ensino de Ciências da Natureza com maior interação com as plantas e a natureza como um todo, seja dispendo de itãs ou das representações dos orixás. Esses sentidos

podem ampliar abordagens tradicionais de memorização de nomenclaturas científicas que classificam as plantas a partir de aspectos morfológicos. O resgate de presenças e de saberes tradicionais acerca das plantas, permite ampliar o sentido do seu estudo e, ao contextualizar esse estudo em práticas culturais e religiosas, abrir espaço para as vozes dos estudantes negros e de seus ancestrais.

Expomos abaixo o mesmo itã contado pela entrevistada, porém agora como lenda segundo a maneira de expor do antropólogo francês Pierre Verger (1997, p.21):

OSSAIN, o senhor das folhas

*Ossain recebera de Olodumaré o segredo das folhas.
Ele sabia que algumas delas traziam a calma ou o vigor.
Outras, a sorte, as glórias, as honras, ou, ainda, a miséria, as doenças e os acidentes.
Os outros orixás não tinham poder sobre nenhuma planta.
Eles dependiam de Ossain para manter a saúde ou para o sucesso de suas iniciativas.
Xangô, cujo temperamento é impaciente, guerreiro e imperioso, irritado com esta desvantagem, usou de um ardil para tentar usurpar, de Ossain, a propriedade das folhas.
Falou do plano à sua esposa Iansã, a senhora dos ventos.
Explicou-lhe que, em certos dias,
Ossain pendurava, num galho de Iroko,
uma cabaça contendo suas folhas mais poderosas.
"Desencadeie uma tempestade bem forte num desses dias", disse-lhe Xangô.
Iansã aceitou a missão com muito gosto.
O vento soprou a grandes rajadas, levando o telhado das casas, arrancando as árvores, quebrando tudo por onde passava e,
o fim desejado, soltando a cabaça do galho onde estava pendurada.
A cabaça rolou para longe e todas as folhas voaram.
Os orixás se apoderaram de todas.
Cada um tomou-se dono de algumas delas,
mas Ossain permaneceu senhor do segredo de suas virtudes
e das palavras que devem ser pronunciadas para provocar sua ação.
E, assim, continuou a reinar sobre as plantas, como senhor absoluto.
Graças ao poder (axé) que possui sobre elas.*

Tanto o itã como a lenda são perspectivas de uma mesma narrativa que foi expressada por duas pessoas conhecedoras da filosofia de matriz africana. No entanto, cada um dos narradores adequou-a ao seu modo de contar. A Ìyá Sandrali por estar em uma situação informal de entrevista condensou a narrativa e acrescentou elementos que demonstram o sentimento do orixá ao dizer: “ewé, ewé, ewé porque ele fica desatinado quando as folhas começam a se espalhar.”. O antropólogo se fez de recursos lineares para narrar de forma escrita. Não devemos considerar as pequenas diferenças nas narrativas como deméritos de um ou outro

narrador, pelo contrário temos que considerar o potencial da oralidade em expressar (cosmos)sensações e a capacidade da forma escrita em criar imagens.

Segundo Verrangia (2010), as narrativas sobre o orixá Ossain nos dão possibilidades em relação ao ensino de Ciências da Natureza como motivar os/as estudantes para ricas discussões sobre as relações entre curiosidade, observação, interpretação e compreensão de fenômenos naturais. Dessa forma ensinaremos a pensar os saberes sobre as plantas de forma menos utilitarista e mais holística. Falar sobre o orixá Ossain como o possuidor do poder e do conhecimento sobre as folhas trás para as aulas de Ciências e Biologia, mais uma vez, a importância de sentir as plantas, de respeitá-las e de compreendê-las dentro de um contexto sagrado. E também de ensinarmos e entendermos em conjunto que, do mesmo modo que Ossain, nós todos devemos ser guardiões das plantas. Trazer essas narrativas para as aulas de Ciências e convidar os estudantes a pesquisar e a compartilhar outras narrativas são formas de interessar o conjunto dos estudantes pela vegetação, condição necessária a sua conservação.

Corroborando com o exposto destacamos outro fragmento da entrevista a Iyá Sandrali:

Iyá Sandrali: Tem um principio nosso bem simples: “cosi ewé cosi orixá”, sem folhas não tem orixá. Sem natureza não existe orixá. Sem planta não existe orixá. Então, como é que nós vamos sobreviver com tamanha devastação. Os maiores interessados de que seja preservado somos nós. Nós e os povos originários, os indígenas. Porque nós não vamos conseguir sobreviver sem as folhas. Nós não vamos conseguir sobreviver com coisas sintéticas, com alimentos sintéticos. O nosso corpo não vai conseguir sobreviver sem isso. Nós não vamos conseguir sobreviver sem a água. Se eu preciso da água para lavar a cabeça para te iniciar. Se eu tiver água mineral não é a mesma coisa. A água mineral engarrafada não é a mesma coisa. Não tem o mesmo efeito. Porque ela foi inclusive manipulada. É bem diferente de lavar tua cabeça numa cachoeira, vai te purificar na cachoeira, vai tomar banho dentro da água purificada. (grifos nossos).

Nesse trecho, a griô mostra o sentido sagrado da conservação da qualidade da água de mananciais, demonstrando o valor incomparável da experiência de um ritual de iniciação em uma cachoeira, ambiente que produz inúmeras sensações corporais de bem-estar e de vida, mas também de medo, de grandiosidade da força da água, diante da fragilidade do humano. Um lugar que precisa ser respeitado por oferecer condições para a vida e também risco à vida. A mestra destaca que os mananciais vêm sendo conspurcados, mas precisam ser puros, para se manter sagrados. A experiência em uma cachoeira ou rio não pode ser substituída por uma

prática que empregue água mineral engarrafada, em um ritual religioso, sem comprometer o seu significado sagrado. Assim, as tradições de matriz africana, ao conferir sentidos espirituais aos elementos da natureza, demonstram ter um grande potencial para a educação ambiental. E este estudo por apontar para a lacuna desses conhecimentos se faz pioneiro.

Aqui, cabe também registrar um trecho de outra lenda narrada por Pierre Verger (1997, p.72-75) em que o orixá Ossaim diz para o orixá Orunmilá:

Rivalidade entre ORUNMILÁ e OSSAIN

*“Todas estas plantas, estas folhas e estas ervas têm virtudes.
Elas não podem ser destruídas.
Esta folha, por exemplo, acalma as dores de dentes;
Esta outra, protege contra os efeitos de trabalhos maléficos;
Esta outra, ainda, cura a febre.
Impossível, em verdade, arrancar plantas tão necessárias à saúde e a felicidade!”*

Além de corroborar com o exposto anteriormente, o fragmento aprofunda a ideia de que sem a natureza e, aqui, especificamente, sem as plantas, a existência da vida se torna impossível. Por isso, mais uma vez, o encontro do ensino de Ciências da Natureza com a Educação das Relações Étnico Raciais pode se dar ao se falar de preservação e conservação da natureza. Neste caso, tendo Ossaim e o sagrado das plantas como exemplos pode-se pensar em estudos em que a proteção à natureza seja ancorada pelos conhecimentos da filosofia de matriz africana. Onde saberes, sentidos e ações se aproximam das práticas culturais.

O sociólogo Dos Anjos (2008, p.81), ao falar sobre o cruzamento de nações religiosas (Jeje, Ketu, Angola...) da filosofia de matriz africana diz: “A encruzilhada como categoria por meio da qual essa formação religiosa pensa as diferenças e propõe um jogo com a alteridade, deve ser elevada a sua condição de uma das maiores expressões de filosofia das diferenças”. Utilizando-se dessa citação como comparativo ao ensino de Ciências da Natureza e a Educação das Relações Étnico Raciais, devemos pensá-los numa encruzilhada onde os saberes acadêmicos biológicos podem se encontrar com os conhecimentos das filosofias tradicionais e se tornar práticas que visem a alteridade. Seja (cosmos)sentindo outras culturas ou outros seres, como as plantas e os animais.

Remédio Aflorado

Dona Elaine: O chá, as ervas, tudo isso é a prevenção. Porque na cultura do povo, em geral, tu primeiro tomas o chá, tu te benzes, tu buscas o outro que tenha uma reza e um bom olhar para aquilo, que te acalme e te melhore.

O uso das plantas para fins terapêuticos está presente ao longo da vida das entrevistadas. Em ambas as entrevistas quando perguntado sobre suas histórias de vida e a importância do contato com as plantas as grîôs trouxeram lembranças de seus usos medicinais. Como destacado no trecho da entrevista com a Ìyá Sandrali.

Ìyá Sandrali: A mesma coisa, a relação com a medicina. Eu só lembro de ter ido uma vez ao médico (quando criança) e foi quando cortei a perna e precisei ir no pronto-socorro. Ainda fui de carroça. No mais, todas as doenças eram tratadas com as ervas, embora a minha família não fosse de matriz africana. Meus avós eram kardecistas, mas nós éramos tratados com ervas. Eu lembro de estar com dor de garganta, com caxumba e com duas folhas de cartucho ao redor do pescoço. Quando tiravam as folhas de uma em uma hora estavam todas torradas. Completamente torradas.

No trecho acima é visível que na infância da entrevistada a presença em ambientes hospitalares era rara. Não por virtudes de sua saúde, mas sim porque havia na família o conhecimento popular que permitia o tratamento caseiro com o uso de plantas. E provavelmente também pelas dificuldades de acesso à medicina halopática, restrita às áreas centrais de ambientes urbanos e sem universalização de atendimento ao conjunto da população até a criação do Sistema Único de Saúde a partir da Constituição Federal de 1988. No caso citado pela grîô, a caxumba foi tratada com as folhas da planta popularmente conhecida como cartucho ou trombeta que a partir de conhecimentos científicos é considerada tóxica para ingestão. Entretanto, os saberes de seus avós compreendiam os benefícios da planta para uso tópico.

Outro caso de uso medicinal das plantas é relativo a um caso ocorrido com o irmão da entrevistada:

Ìyá Sandrali: Meu irmão teve um problema muito sério, ele fincou o pé num prego e não disse nada para ninguém [...]. O pé dele infeccionou, ficou aquele horror. E aí, levaram ele no pronto-socorro. Lá disseram que não tinha arrumação, que ele ia ter que amputar o pé. Dai meu pai disse: “não, eu vou levar ele, vou voltar em casa e depois vejo que a gente vai fazer”. [...] Quando chegaram em casa, a minha avó que era kardecista e também benzedeira começou a benzer. [...] Ela usou aquelas folhas e ele ficou recolhido (hoje eu sei que segundo a tradição (de matriz africana), quando tem alguém com determinada situação precisa ficar recolhido no espaço do terreiro). Só que não foi no espaço de terreiro.

A ação do pai em levar o irmão da entrevistada para casa para ser tratado pela família através do conhecimento popular, mesmo sendo um caso mais sério,

demonstra a confiança na sabedoria da avó. Nessa situação específica, o saber popular se mostrou mais eficiente, uma vez que obteve sucesso e o menino não teve a necessidade de amputar sua perna.

Entretanto há a percepção de que o sucesso só se deu porque a avó tinha conhecimentos e uma prática espiritualista para tratar esse problema:

Ìyá Sandrali: Mas ela tinha o conhecimento ancestral porque como é que ela ia de repente arriscar que o guri realmente tivesse um problema generalizado. Não estou dizendo que hoje tendo tantos recursos a gente tenha que colocar em risco um problema desse quilate, mas na época a gente não tinha esses recursos. O que eu estou dizendo é que devemos valorizar o próprio conhecimento ancestral que nós temos. Até porque todas as medicações são oriundas desses conhecimentos. (grifos nossos).

A trajetória de vida da entrevistada se deu no caminho de compreender a importância da valorização do conhecimento ancestral, manifestado na figura da avó. No caso citado, a necessidade se aliou à confiança, uma vez que a medicina moderna só impunha um destino para a criança: justamente o mais drástico para a situação. O conhecimento da avó, por outro lado, ofereceu uma solução melhor, mais aceitável e não o fez com uma falsa promessa. O pai sabia que podia confiar em ambos os conhecimentos, porém, frente a negativa de cura apresentada pelo conhecimento médico, a esperança se encontrava no conhecimento ancestral. No trecho, também é destacado o uso medicinal das plantas como fonte de conhecimento para a origem das medicações empregadas pelos médicos. Na entrevista é destacado que os conhecimentos científicos acerca dos princípios ativos dos vegetais têm origem nos saberes tradicionais, apontando que as fronteiras entre as duas formas de conhecimento não são tão claras.

Em um trecho da entrevista com a Dona Elaine é destacada a importância do paralelo entre a medicina tradicional e o conhecimento popular:

Dona Elaine: Ele (o médico) trabalha até com a medicação, por mais química que possa ser, mas ele procura adaptar para ti e te dizer porque é importante. Em paralelo, porém, ele não destrói a tua crença. Ele diz: “O que a senhora gosta de tomar? ”; “Olha, esse chá aqui a senhora até pode tomar, mas tome um pouco menos”. O médico que está me tratando agora, diz a mesma coisa: “A senhora pode ir muito aos poucos agora; na medida que evolui, a senhora vai estar mais preparada até para reabsorver todas essas coisas que o alimento lhe dá. Nesse momento, isso não é capaz de ajudar porque a senhora está muito machucada por dentro. Então, assim, tome coisas que lhe acalmem”. **Para o médico, não é só o espírito, existe a cabeça. Ele reconhece que eu preciso tomar um chá de camomila ou um chá de cidreira para acalmar os meus nervos, pois o próprio organismo precisa ficar calmo.** O médico entendeu que esse chá, essa composição, esse princípio ativo do chá vai fazer com que eu não sinta mais dores. Então, não é uma reza, mas uma prática baseada nos

conhecimentos e que, provavelmente, ele também tentou buscar, como muitos pesquisadores fazem ainda hoje. **Então na própria planta está o ensinamento. É o paralelo** (grifos nossos).

Na fala da entrevistada ocorre uma reinterpretação de um discurso médico e uma valorização de médicos que conseguem ver a medicina halopática e os saberes tradicionais populares como complementares. E mais, ela aponta o reconhecimento dos saberes tradicionais como fontes de conhecimentos de princípios ativos a serem incorporados à produção de medicamentos. Nesse trecho, o valor dos conhecimentos de cura da filosofia de matriz africana é reconhecido, pela medicina alopática, no seu agente, o médico.

Ao analisarmos os trechos das duas entrevistadas, são visíveis diferenças nas posturas de ambas. Tendo Dona Elaine uma postura mais conciliatória e a Ìyá Sandrali uma postura mais combativa entre os conhecimentos de cura tradicionais e os alopáticos, enfatizando o fracasso da medicina ocidental e o sucesso das práticas de cura tradicionais. Acreditamos que isso se deva a Ìyá Sandrali ocupar uma posição de autoridade religiosa e poder mostrar mais altivez e superioridade. Porém, ambas revelam uma preocupação com a riqueza fitoterápica dos conhecimentos tradicionais que se transmitem na oralidade perante a vil ação dos grandes laboratórios em busca dos lucros que essas substâncias podem gerar. Este trabalho não visa adentrar nestas questões, mas o destaque se torna necessário.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma das principais considerações é importante refletir sobre as dificuldades na realização deste trabalho. A escassez de estudos envolvendo as Ciências da Natureza e a educação antirracista, especialmente no que tange a filosofia de matriz africana permeou toda a realização deste estudo.

Outra limitação do trabalho aconteceu na escolha da metodologia empregada, a de divisão em categorias temáticas. Essa preferência se deu com a tentativa de fracionar e fazer o correspondente a uma taxonomia da entrevista, extraindo seus significados nos contextos dos trechos escolhidos. O que ao longo do trabalho se tornou conflitante com o modo como as entrevistadas entrelaçavam suas respostas no momento de entrevista. A metodologia de análise adotada além de cansativa, por envolver inúmeras leituras e releituras, em alguns momentos, bloqueou a compreensão dos múltiplos sentidos que se expressavam de forma conjunta nos discursos das entrevistadas.

Após o término das análises temáticas, pensamos que a metodologia de análise da enunciação ou da análise de discurso poderiam ter sido mais produtivas, pois, possibilitariam compreender as lógicas de cada uma das entrevistas de forma global. Assim, teríamos mais sucesso na compreensão dos conhecimentos da tradição de matriz africana que se baseiam na oralidade e na ancestralidade.

A compreensão da Cosmossensação e da Filosofia de matriz africana mostrou ter valor para o estudo das plantas, corroborando com a ideia inicial da valorização cultural em sala de aula. Dessa forma, os estudantes podem pensar sobre suas origens ancestrais, revelar conhecimentos que foram adquiridos nas suas comunidades e descobrir outros jeitos de se relacionar com os diversos saberes e a natureza, por meio de práticas de respeito ao sagrado da cultura e do ambiente, de modo a conservar formas culturais particulares de interagir com a natureza.

Temos também que evidenciar o pioneirismo deste trabalho e da autora, uma cientista negra, que fez incipientemente uma nova historiografia das Ciências da Natureza com referencial afrocentrado, alterando a forma como a Biologia estuda as plantas. Acrescido a isso, este estudo possibilitou a autora o encontro de origens, de raízes ancestrais e também com o seu sagrado. Modificando a forma como ela é e está no mundo e como se relaciona com o todo.

Por esses motivos, pretendemos continuar as pesquisas sobre as temáticas de cosmossensação, filosofia e cura na tradição de matriz africana de maneira integrada ao ensino de Ciências da Natureza posteriormente em nível de mestrado acadêmico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCARAZ, Rita de Cássia M.; SOUZA, Aparecido Vasconcelos de; PACÍFICO, Tânia Mara. A LITERATURA ORAL: ESTRATÉGIAS PARA AFIRMAÇÃO DA CULTURA AFROBRASILEIRA, AFRICANA E INDÍGENA. Revista Boitatá, Londrina, n. 20 pp. 317- 330, Jul-Dez 2015.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRASIL. Ministério de Educação. Glossário de termos e expressões anti-racistas. In: Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006. p. 213-226. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf Acesso em: 09 jun., 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. (2007). Guia de livros didáticos PNLD 2008: Ciências. Ministério da Educação. Brasília: MEC. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/guia-do-livro-didatico/item/2347-guia-pnld-2008-%E2%80%9393-anos-finais-do-ensino-fundamental> Acesso em: 20 nov., 2018.

BRASIL. Parecer CNE/CP n.º 3, de 10 de março de 2004: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf> Acesso: 06 maio, 2018.

BRASIL. Parecer CNE/CP n.º 14 de 06 de junho de 2012: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília: Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10955-pcp014-12&Itemid=30192 Acesso em: 20 maio, 2018.

BRASIL. Parecer CNE/CEB n.º 14 de 11 de novembro de 2015: Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígena na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008. Brasília: Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica, 2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=27591-pareceres-da-camara-de-educacao-basica-14-2015-pdf&category_slug=novembro-2015-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 19 dez., 2018.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Editora Porto, 1994.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica da Paraíba. In: PEREIRA, J. S.; MEINERZ, C. B. Sessão Temática Educação e Relações Étnico-Raciais. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 42, n. 1, jan./mar. 2017. p. 79-98.

DOS ANJOS, José Carlos. A filosofia política da religiosidade afro-brasileira como patrimônio cultural africano. Debates do NER, Porto Alegre, ano 9, v. 1, n. 13, p. 77-96, jan./jul. 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/5248/2984>.

ESCAMANDRO. A invocação dos Orixás na poesia de Audre Lorde, por Thamires Zabotto, 2015. Disponível em: <https://escamandro.wordpress.com/2015/01/14/a-invocacao-dos-orixas-na-poesia-de-audre-lorde-por-thamires-zabotto/> Acesso em: 20 de jun., 2018.

FIASCHI, Pedro. et. al. Biogeografia da Flora da América do Sul In: CARVALHO, C. J. B.; ALMEIDA, E. A. B. (Org.). Biogeografia da América do Sul. 2. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2016. Cap. 15, p. 215-226.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, J. (Org.) História Geral da África. Tomo I. São Paulo: Ática/Paris: UNESCO, 1980. Cap. 8, p. 167-212. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf>

MACEDO, José Rivair. Entendendo a Diáspora Africana no Brasil In: FERNANDES, E.; CINEL, N. C. L. B.; LOPES, V. N. (Org.). Da África aos indígenas do Brasil: caminhos para o estudo de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2016. Cap. 1, p. 22-42.

MEINERZ, Carla Beatriz. Ensino de História, Diálogo Intercultural e Relações Étnico-Raciais In: PEREIRA, J. S.; MEINERZ, C. B. Sessão Temática Educação e Relações Étnico-Raciais. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 42, n. 1, jan./mar. 2017. p. 59-77

NOGUERA, Renato. Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017. Cap. 2, p. 63-112.

OYĔWÙMÍ, Oyèronké. La invención de las mujeres: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Traducción Alejandro Montelongo

González. Bogotá, Editora em la frontera, 2017. Disponível em: <http://glefas.org/la-invencion-de-las-mujeres-oyeronke-oyewumi/>

SOMÉ, Sobunfu. **O Espírito da Intimidade**. São Paulo: Odysseus, 2003.

RITTER, Mara Rejane; WAECHTER, Jorge Luiz. Biogeografia do gênero *Mikania* Willd. (Asteraceae) no Rio Grande do Sul, Brasil. Acta Bot. Bras., São Paulo, v. 18, n. 3, p. 643-652, set. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010233062004000300021&lng=en&nrm=iso

VERRANGIA, Douglas.; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.3, p. 705-718, set./dez. 2010

VERRANGIA, Douglas. Conhecimentos tradicionais de matriz africana e afro-brasileira no ensino de Ciências: um grande desafio. Revista África e Africanidades, Ano 2 - n. 8, fev. 2010.

VERGER, Pierre Fatumbi. Lendas africanas dos Orixás. Tradução Maria Aparecida da Nóbrega. 4. ed. Salvador: Corrupio, 1997. p. 96.

6. ANEXOS

Anexo 1. Termo de consentimento livre e esclarecido apresentado às entrevistadas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,

_____, de
nacionalidade _____, e de RG _____

estou sendo convidada a participar de um estudo intitulado “SABERES TRADICIONAIS DE MATRIZ AFRICANA E SUAS POTENCIALIDADES NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA”, pois sou uma mestre griô reconhecida pela população afro-gaúcha e possuo conhecimentos da diáspora africana no Rio Grande do Sul.

Este estudo resultará no Trabalho de Conclusão de Curso da aluna de graduação Patrícia Goulart Pinheiro, do curso de Licenciatura em Ciência Biológicas, que tem orientação da Profª Drª. Russel Teresinha Dutra da Rosa e co-orientação da Profª Drª Carla Beatriz Meinerz.

Nesta pesquisa busca-se a valorização dos saberes da diáspora africana no Rio Grande do Sul, visando à construção de uma educação antirracista e buscando potencialidades ao ensino de Ciências da Natureza, com recorte em Botânica. Para isso, os saberes da diáspora africana no Rio Grande do Sul serão apreciados quanto aos usos das plantas nas tradições religiosas e familiares, nos usos medicinais e no modo de ser, estar e sentir as plantas e o mundo.

O estudo justifica-se dentro do conjunto de ações educativas para a promoção da igualdade racial em nosso país, implementadas a partir das leis 10.639/2003 e 10.645/2008 e do Parecer CNE/CP 003/2004 - “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana”.

Tendo em vista que sou possuidora de conhecimentos da diáspora africana no Rio Grande do Sul permito que se faça uma entrevista com gravação de voz, com

o uso das informações dissertadas e com a presença de meu nome no trabalho finalizado.

Assinatura da entrevistada

Porto Alegre, _____ de _____ de 2018.

Se eu tiver perguntas sobre este estudo, posso contatar a pesquisadora Patrícia Goulart Pinheiro através dos telefones (51) 99752- 6087 / (51) 99419-3800 ou do e-mail patgopi@gmail.com. Confirmando que recebi cópia deste documento.

Anexo 2. Entrevista realizada com a Mestre Griô Maria Elaine Rodrigues Espíndola.

Entrevista

Entrevistadora: Patrícia Goulart Pinheiro, licencianda em Biologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Entrevistada: Mestre Griô Maria Elaine Rodrigues Espíndola.

Entrevista constituída através de gravação e transcrição.

Patrícia Pinheiro: *Conte sobre a história de sua vida e a importância do contato com as plantas. O que a senhora aprendeu quando era mais nova e carrega até os dias de hoje?*

Dona Elaine: Nasci em Porto Alegre, mas eu tinha minha avó no interior. Então, a gente ficava naquele vai e vem. Quando minha mãe teve o segundo casamento, ela veio para a cidade e eu fiquei com a avó. Depois eu vim para a cidade. Eram outros tempos. Então, eu tenho muito do interior dentro de mim. Eu tenho uma interioridade que me remete também ao contato com as plantas, que aprendi com minha avó. Essa coisa do respeito, por exemplo, de pedir licença para a própria planta, ou seja, se tu tens que arrancar uma folha para um chá, pedir licença para a planta. Iguamente esperar a questão do sol, no momento certo para o sol e para a planta. Ou aquelas questões do sereno. De também conhecer as benzeduras, saber colocar as ervas medicinais no telhado para que o sereno também faça a sua parte, no processo de cura. Todas essas coisas eu vivenciei. E agora conto sobre elas. Até um tempo atrás, contava para as minhas gurias (filhas) essas coisas que eu vivenciei.

Existe também a questão do poder que está dentro de alguns de nós. Todos têm, mas parece que alguns possuem algo mais especial, um poder de transmitir a paz e a tranquilidade, inclusive no toque da mão. E se tu vais consultar um médico, podes sentir se ele é capaz de compreender a tua ancestralidade, através de uma áurea que está ali. Há médicos que tu não consegues alcançar nesse entendimento. Ele fala contigo, mas tu não absorves. Até naquela capacidade de ensinamento que ele tem por ser técnico ou por ser um bom médico. Porque é alguma coisa que não ele não passa para ti. Mas tem outros que possuem o que a gente chama de simpatia, empatia. Esses médicos olham para ti, parece que te veem com um olhar, tu sentes que se faz uma troca. Ele respeita o teu corpo e o teu conhecimento. Ele trabalha até com a medicação, por mais química que possa ser, mas ele procura

adaptar para ti e te dizer porque é importante. Em paralelo, porém, ele não destrói a tua crença. Ele diz: “O que a senhora gosta de tomar? ”; “Olha, esse chá aqui a senhora até pode tomar, mas tome um pouco menos”. O médico que está me tratando agora, diz a mesma coisa: “A senhora pode ir muito aos poucos agora; na medida que evolui, a senhora vai estar mais preparada até para reabsorver todas essas coisas que o alimento lhe dá. Nesse momento, isso não é capaz de ajudar porque a senhora está muito machucada por dentro. Então, assim, tome coisas que lhe acalmem”. Para o médico, não é só o espírito, existe a cabeça. Ele reconhece que eu preciso tomar um chá de camomila ou um chá de cidreira para acalmar os meus nervos, pois o próprio organismo precisa ficar calmo. O médico entendeu que esse chá, essa composição, esse princípio ativo do chá vai fazer com que eu não sinta mais dores. Então, não é uma reza, mas uma prática baseada nos conhecimentos e que, provavelmente, ele também tentou buscar, como muitos pesquisadores fazem ainda hoje. Então na própria planta está o ensinamento. É o paralelo.

Nessa questão da Biologia e dos saberes das plantas, do encontro com os saberes dos mestres, do saber popular, está muito intrínseca a relação com o capitalismo. Eu digo que o comércio, essa coisa cruel do capitalismo, ela não te deixa mais tu seguir por esse caminho do saber tradicional. As pessoas dizem assim: “Tu só acreditas em chá. O chá não vai te levar a nada”. Eu afirmo que não é só acreditar, pois também precisa ter o conhecimento para fazer uso desses saberes com cuidado, fazer a prevenção. O chá, as ervas, tudo isso é a prevenção. Porque na cultura do povo, em geral, tu primeiro tomas o chá, tu te benzes, tu buscas o outro que tenha uma reza e um bom olhar para aquilo, que te acalme e te melhore. Mas também tem um momento que a própria cultura popular te encaminha para outro saber que complete. Só que tem que lembrar que um saber não é maior que o outro, não é melhor que o outro. E é isso que a gente não está conseguindo, acho, sentar num círculo, num local e ter um fórum que possa debater isso.

As Universidades, como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tiveram essa sensibilidade quando lançaram a disciplina chamada “Encontro de Saberes”. Outros rumos estão se fazendo com os decretos e as ações afirmativas. A Universidade é dirigida por homens e mulheres e alguns viram o momento de mudar. Essa foi à beleza dessa disciplina, de aproximar o acadêmico e a questão

desse outro conhecimento e mostrar que existe lugar para os dois. A mesma coisa com o exemplo da medicação, há lugar para os dois: o chá e o remédio.

Na saúde pública, é preciso falar das práticas religiosas. Eu tive a honra de fazer parte dos acordos e negociações, dentro do Grupo Hospitalar Conceição, que dispuseram sobre a presença de Babalorixás dentro de seus espaços de atendimento. Foi um dos primeiros hospitais da rede pública de Porto Alegre que, após muitas denúncias, permitiu isso. Sabemos de denúncias sobre pessoas que chegavam lá com as suas guias, seus pedidos de proteção e as suas coisas de benzedura, tendo tudo arrancado delas, com casos de óbito, porque havia o sentimento de estar desprotegido daquela entidade. E as pessoas não podiam receber alguém que fizesse parte de sua prática religiosa. Então, o Hospital Conceição possui um local e uma data que permite a entrada do Babalorixá para fazer a prática religiosa para aquele doente que pede. Isso é independente dessa coisa ecumênica, ou seja, pode ter o pastor, mas também a religiosidade africana é praticada quando o paciente pede.

Isso tudo é questão da nossa cultura, da nossa ancestralidade. Eu vou me reportar para a essa cultura, em geral, no aspecto rio-grandense, lembrando as práticas que eu via a avó fazer e falar, mas também vou tratar da política afirmativa nessa questão racial, da igualdade. Por isso que a gente não pode desistir, mesmo quem leva algumas cacetadas. Não pode desistir de ter a sua identidade negra como igual.

Muitas vezes a gente sai amassado de um lugar de fala. Mas quando a gente sai amassado, deve dar um passo atrás e ver: “Qual é a metodologia que tu usaste?”; “Não vais te entregar! ”. E tu vais ter que traçar um modo de andar ali por dentro. E esse modo de andar está relacionado a luta para que o outro te aceite, sem esquecer que também tens que aceitar o outro. Essa é a coisa mais importante, para que ele também se sinta respeitado e que tu possas achar uma brecha na própria fala dele para colocar o teu modo de ser. Isso leva tempo. Essa é a fase da sensibilização, nela a gente não conseguiu evoluir totalmente. Porque eu acho correto os embates e contrapontos, mas se tu fazes a discussão dentro das leis e a pessoa não está preparada para entender esse processo, a tendência da sociedade parece ser ficar contra.

Patrícia Pinheiro: *A senhora tem lembranças do uso da arruda e das folhas de louro como proteção?*

Dona Elaine: Lembranças disso? Sim! A folha de arruda nessa cidade grande, às vezes, a gente fica sem o hábito, fica meio esquecida... porque esses tipos de perfumes te deixam voltar para trás.

No mês passado, veio de Goiás um irmão meu justamente depois de tantos anos, veio para se sentir fortalecido. E estava todo mundo com um galinho de arruda esperando ele, até para ele se sentir em casa de novo. Mas no dia-a-dia, deixa de ser hábito. Como o chimarrão, a gente até toma, porém quando tem muitas coisas para fazer, não dá tempo, tu esqueces e deixa de ser hábito. E quando tem alguém que te acompanha, te chama, tu até fazes, mas não como uma religiosidade, de todo o dia.

A arruda era para tirar os quebrantos, o olho grande, principalmente. Para a criança, a questão do quebranto se relaciona com abrir muito a boca, pode ser até um ato do próprio organismo, como arrotar, por exemplo. Para nós é quebranto e vamos benzer, com arruda.

Esses dias, foi muito bacana, pois minha filha contou que o nenê de uma colega estava muito irritado, muito isso, muito aquilo. Essa colega mandou pedir aqui, dentro daquelas práticas, para tentar ajudar esse seu bebê. É uma pessoa que trabalha no meio da medicina e não quer dar medicamento para a criança dormir. E recorre a isso. Então, isso está muito presente no cotidiano e a gente não sabe. Há essa vontade de descobrir onde tem uma benzedeira, onde tem alguém que te tire a questão da má vontade, da palavra má, do olho grande. Porque o médico te olha num formato, observa, escuta e sente, mas tem outras buscas, outras formas de ajuda.

Patrícia Pinheiro: *Na Biologia a gente tem dois conceitos: o de Conservação e o de Preservação da Natureza. Há alguma relação desses conceitos com a Cosmovisão Africana?*

Dona Elaine: Tem a questão do Meio Ambiente. Na Mocambo a gente faz essa busca e esse resgate. A gente busca essa presença da natureza, com toda essa teimosia de manter - nem que seja uma arvorezinha ali - para dizer que quando tu passas por essa Cidade Baixa, tu não imaginas o que tem lá dentro. De almas, de vidas que passaram por ali, dos que lutaram e também são resistência ali, assim como de uma pequena planta que resiste ali dentro. Porque lá fora tem aquelas árvores que se adaptaram com a rua, estão sufocadas pela fumaça dos carros; porém lá dentro tem umas que tentam ficar purificadas. São plantas que tu precisas

lavar bem para fazer um pequeno chá. Tu lavas bem e ainda consegues um chá. Esses dias tive a questão de precisar do chá quebra-pedra por causa dos rins, ali tinha ele. Tu conheces quebra-pedra? Começas a notar que eles quase não nascem mais nas calçadas e nos paralelepípedos? Pelo contrário, está nascendo uma plantinha bem pequeninha, magrelinha, assim baixinha, bem parecida com ele. Se tu não conheces, acaba não respeitando a planta. E tu pegas errado. Então, eu sempre ensinei meus filhos a conhecer as coisas pelo cheiro. Conhecer as coisas que estão se deteriorando. E também usar os sentidos. O cheiro é algo que se detecta muito antes da mão abrir, porque pode estar escondido e tu não vês. Deves usar os olhos e ir também pelo cheiro: “Hum, parece que não está muito bom...”. Daí tu olhas a outra parte, para ter certeza. Então, essas coisas, do cheiro, do olhar, elas estão muito próximas das questões dos nossos que vieram da África. Eu uso o exemplo do cidró e da citronela, porque elas são parecidas e tu precisas cheirar para perceber a diferença. São sentidos que tu tens que usar, fazem parte de ti, nascem contigo e tu desenvolves eles no mundo.

Anexo 3. Entrevista realizada com a Ìyálorixá Sandrali de Campos Bueno.

Entrevista

Entrevistadora: Patrícia Goulart Pinheiro, licencianda em Biologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Entrevistada: Ìyálorixá Sandrali de Campos Bueno.

Entrevista constituída através de gravação e transcrição.

Patrícia Pinheiro: *Conte sobre a sua trajetória de vida. Desde a infância até agora, tu encontras nela elementos da importância da relação com as plantas?*

Ìyá Sandrali: Eu nasci no Mont'serrat, que hoje em dia é um bairro de classe alta. Mas na época era cercado por pessoas praticantes da matriz africana, da Nação. A minha família de origem não praticava, vivíamos rodeados de praticantes. Então nós frequentávamos esses espaços onde tinham as festas. Nós éramos convidados porque tinham as festas com as crianças, as festas de Ibeji. Hoje eu entendo aquelas mesas, aquelas coisas todas. Nós éramos convidados porque éramos cercados das mães de santo e pais de santo antigos de lá. A grande maioria morava naquela região da Bacia. Só na minha rua havia três pais de santo. Então, essa vivência é a de realidade de estar sabendo que têm aqueles espaços que te acolhem. Para nós crianças era um negócio muito doido, porque tu ias para um espaço onde havia aquela profusão de comidas e de coisas que as crianças gostam: a canjica, o arroz-doce, os doces, a canja. Tudo fazendo parte daquela relação. É óbvio, a canja, por exemplo, era feita da galinha que era pega no terreiro, não era comprada, não tinha hormônios, então o gosto era diferente do que a gente compra hoje.

A mesma coisa, a relação com a medicina. Eu só lembro de ter ido uma vez ao médico e foi quando cortei a perna e precisei ir no pronto-socorro. Ainda fui de carroça. No mais, todas as doenças eram tratadas com as ervas, embora a minha família não fosse de matriz africana. Meus avós eram kardecistas, mas nós éramos tratados com ervas. Eu lembro de estar com dor de garganta, com caxumba e com duas folhas de cartucho (cartucheira) ao redor do pescoço. Quando tiravam as folhas de uma em uma hora estavam todas torradas. Completamente torradas. Não sei se absorvia a febre. Eu me lembro, do sarampo e a gente tomando sabugueiro, que era para vir para fora tudo de uma vez, não era para ficar ali. Lembro das mais

velhas, das minhas tias, tomando chá de arruda quando estavam com muita cólica, quando estava trancada a menstruação. A gente não entendia muito da crença, não se falava, não se comentavam as coisas, mas a gente observava, tanto que eu tenho a memória disso.

Meu irmão teve um problema muito sério, ele fincou o pé num prego e não disse nada para ninguém, porque ele era terrívelzinho. O pé dele infeccionou, ficou aquele horror. E aí, levaram ele no pronto-socorro. Lá disseram que não tinha arrumação, que ele ia ter que amputar o pé. Dai meu pai disse: “não, eu vou levar ele, vou voltar em casa e depois vejo que a gente vai fazer”. Inclusive o médico o fez assinar um termo de compromisso. Quando chegaram em casa, a minha avó que era kardecista e também benzedeira começou a benzer. Ela usava umas folhas que hoje eu não lembro quais eram. Ela usou aquelas folhas e ele ficou recolhido (hoje eu sei que segundo a tradição, quando tem alguém com determinada situação precisa ficar recolhido no espaço do terreiro). Só que não foi no espaço de terreiro. As outras crianças não podiam estar muito ali com ele porque ele tinha que repousar. A minha avó que não era batuqueira dizia isso. Mas ela tinha o conhecimento ancestral porque como é que ela ia de repente arriscar que o guri realmente tivesse um problema generalizado. Não estou dizendo que hoje tendo tantos recursos a gente tenha que colocar em risco um problema desse quilate, mas na época a gente não tinha esses recursos. O que eu estou dizendo é que devemos valorizar o próprio conhecimento ancestral que nós temos. Até porque todas as medicações são oriundas desses conhecimentos. É claro que elas são elaboradas e processadas em laboratório. Mas, se tu tens o conhecimento daquelas ervas ali... Então, esse tipo de relação com a natureza, com a coisa do natural, tem muito a ver com isso, da gente, do corpo mesmo. Que corpo é esse que tem que se adaptar ao que está aí, ao que está ao seu redor?

Outra experiência que eu tenho, agora já bem mais recente, o meu sobrinho tinha uma caturrita e um rato pegou a caturrita. Mas ela não morreu. Ele pegou (ele tinha uns seis anos) e levou a caturrita na mãozinha para a minha avó, que ainda era viva, chorando e disse: "Dinda, benze! Benze ele!". Porque todo mundo chamava ela de Dinda, na verdade ela era minha madrinha, e aí todo mundo chamava de Dinda. E aí a minha avó ficou assim olhando, o que é que eu vou fazer, mas aí ela disse: “bom, mas essa criança tá tão assim, ele tem tanta certeza que há possibilidade de eu curar esse bichinho, então eu vou”. E ela começou a benzer o

bicho e começou a pôr as poções dela, as ervas no bichinho, e ele sobreviveu. A relação que essa criança vai estabelecer com esse sagrado, que pra nós tudo é sagrado, é incrível, e com ela. Antes de qualquer coisa, qualquer outra intervenção, ele vai lembrar dela, porque ele também tinha suas experiências corporais de quando estava mal. Vai lá e a avó benze ou manda dar tal chá ou... sabe? Então tu não precisa ir para o médico, não precisa tomar injeção. Eu lembro quando tínhamos que fazer vacina, antes da vacinação ela fazia um negócio na gente que era para não sentir a dor da picada. Incorporava outras coisas que fazia a gente ir feliz da vida: "bom, não vai doer". E da gente ter essa relação com a minha avó, de saber que ela sabia o que fazer naquele momento, mesmo que fosse: "bom, vamos ter que ir para o médico".

Também tem a relação do eu, da minha pessoa, do meu corpo. Sempre tive essa relação, mesmo antes de me iniciar no batuque. Sempre tive essa relação com as ervas, com as folhas, com o natural. Fomos criados com leite de cabra. É uma outra relação, porque a cabra estava ali. Era o que a casa oferecia, precisando nós tínhamos uma cabra. E também, havia a diferenciação de que cada um de nós era singular e por isso não éramos tratados com as mesmas ervas. Para cada um ela sabia (o que dar). Então, a minha tia, por exemplo, que era da minha idade, tinham coisas que para mim resolviam e que para ela não resolviam. Eu me lembro da cura da bronquite, a minha tia foi mais tratada pelas simpatias (tanto é que até hoje a gente faz simpatia para as crianças que estão com bronquite). E lembro de um médico bem velho que atendia a gente, que inclusive era um médico homeopata, que receitou para mim uma dose única, não sei do que, e me curou. Ela também tomou a dose, mas precisou muito mais do que eu das plantas da minha avó, dos chás da minha avó.

E outras situações: normalmente eu era a primeira que ficava doente, então pegava em mim mais fraco. Mas também quando um adoecia dessas doenças contagiosas, dessas doenças de crianças, todos nós ficávamos no mesmo espaço para todo mundo pegar de uma vez. Esse era o problema, todo mundo pegava de uma vez. Todos eram tratados dentro de seus jeitos, de seus gostos, mas todo mundo ficava com sarampo junto, no mesmo tempo. Se o outro tinha caxumba, todo mundo ficava "caxumbado". Elas (avós, tias, mãe) colocavam a gente no mesmo espaço para todo mundo passar junto pela mesma coisa. E era um negócio muito legal. Porque a gente ficava sendo bem tratado. E ao mesmo tempo era um

momento que a gente tinha para fazer tudo, porque ai não ia apanhar. E ficava todo mundo ali e tu imaginas o que era. Mas também, óbvio, morávamos num espaço em que tínhamos dois terrenos enormes, tinha espaço de lazer, para brincar, para plantar, para colher.

E também a necessidade nos ensinava a como lidar. Eu ficava cuidando do meu irmão enquanto a minha mãe trabalhava. Pelos sete anos, oito anos eu já cuidava do meu irmão. E aí um belo dia eu resolvi fazer comida (eu cozinhava para que quando a minha mãe chegasse ela não precisasse fazer comida). Só que as coisas não estavam ali todas disponíveis, ela tinha esse cuidado porque éramos crianças. Eu lembro nitidamente de ir ao campo que tinha do lado, onde tinha muita abóbora, mas era planta não os frutos ainda. E aí eu olhei aquelas folhas e flores de abóbora e colhi e trouxe para casa. Lavei bem bonitinho e piquei tudo. Coloquei na frigideira para fazer um omelete. E aí o negócio ficou muito bom.

E sabe essa tendência que tu tens de pensar assim: “bah, se fosse um coisa venenosa.” Mas não a gente nunca comeu... A gente fazia comidinhas, mas nunca fizemos com coisas que fossem prejudiciais a nossa saúde. Porque a gente convivia com aquele conhecimento que a minha avó trazia. Esse conhecimento das ervas, daquelas que faziam mal, das que faziam mal para determinadas coisas e não fazem mal para outra. Que esse é o princípio da matriz africana: não existem coisas más, coisas ruins, não existem bem e mal; o que existe é um equilíbrio na natureza que tu tens que saber usar. Nada te faz mal se tu vai usar de forma equilibrada. E assim é, porque assim é a natureza. O problema sempre vai acontecer quando tu perdes o equilíbrio. E daí, tal doença que tu não tinhas passa a ter porque tal coisa que combatia não existe mais para combater. Então, eu acho que em relação a infância é isso.

Patrícia Pinheiro: *Fale um pouco mais sobre a tradição de matriz africana enxergar as plantas como seres, como corpos.*

Ìyá Sandrali: Um dos princípios básicos na tradição de matriz africana é que tudo tem vida, mesmo o não vivo. Então, se existe esse princípio nos questionamos: por que tudo tem vida? Se a vida é sagrada, tudo é sagrado. Eu costumo dizer que (eu costumo dizer porque o nosso conhecimento vem através do rigor da oralidade, quando estou falando é porque outros já falaram) nós somos semelhantes a natureza. Eu não sou semelhante a um deus. A um deus de olhos azuis menos ainda. Não dá! Minha pele não tem nada de semelhança com a dele. A tradição

judaico cristãs trás no seu bojo, até nisso, o racismo. Como é que me apresentam um deus loiro de olhos azuis, cabelos lisos. Como é que eu vou me identificar com esse deus? Já é a primeira opressão que uma criança tem.

Imagina uma criança negra de pele escura, cabelos crespos enxergar o menino Jesus, um bebê tido como bonitinho (não sei como Jesus era tão gordinho e tão bonitinho). Imagina? Eu não estou questionando a divindade, estou questionando o homem, ser humano. Depois de passar tudo aquilo era para Jesus ser um desnutrido, pelo amor de deus. Então, como é que uma criança vai se identificar com aquela criança lindinha, dentro dos padrões europeus, todo cacheadinho tipo um anjinho. Como é que uma criança negra vai se identificar? Se se diz que aquilo ali é um anjo ou o Cristo, e todo mundo adorando. E a criança se olha e não consegue se identificar. Não tem como se enxergar ali. O que acontece lá dentro da formação, no desenvolvimento dessa criança? É um pavor!

E daí tem alguns artistas, e eu cito a Cláudia, que fazem imagens de orixás infantilizados, crianças, pequeninhos. Tem da Iemanjá com uma carinha redondinha, negra, com a face marronzinha, negra, bonitinha. É muito mais fácil me identificar com essa. Então o que faz a sociedade fazer isso com a gente? O racismo. As imagens que sempre são idolatradas e sincretizadas são as imagens que não tem nada a ver com a gente, que tu não consegues te identificar. É bem diferente de eu olhar para uma representação da Oxum e dizer: “bom, mas é uma Oxum negra. É uma representação negra”.

E aí é a mesma coisa, nós somos todos a semelhança da natureza. Essa relação de ver as plantas, os animais como seres vivos. A água tendo vida também. Nós somos 70% feitos de água! Como é que nós estamos nesse momento? Completamente poluídos! Porque se estão poluindo a água estão nos poluindo também. A gente tem um orixá que é Otim, que é a portadora, defensora e protetora da água potável. Esse orixá aqui no Rio Grande do Sul, que é onde nós cultuamos, na minha nação, também está em processo de extinção. São raras as pessoas que tem o seu erê consagrado a esse orixá. Tu vais aos terreiros e quando encontra alguém de cabeça de Otim é um: “ai, ai, é Otim!”. Por quê? Porque são raros e estão em extinção. E por isso eu reforço, nós somos sim a semelhança dos nossos deuses. As nossas divindades tem toda uma relação com a natureza, porque elas são a natureza.

Patrícia Pinheiro: *E isso está tem relacionado com a cosmovisão africana?*

Ìyá Sandrali: Sim, tem a ver com a cosmovisão, com a cosmosensação, com a cosmopercepção. Todos os seres humanos sentem e percebem. Mas a ciência moderna faz com que tu te enquadres em determinados estereótipos, em determinados quadradinhos. E faz de forma cetersiana. Logo que: “eu penso, logo existo.”. Na tradição de matriz africana a lógica não é essa, e sim: “eu sinto, eu existo”, “eu sinto, eu percebo”. Na natureza tudo é através do corpo. E depois eu penso. E o pensamento não é uma coisa assim: “ah tá”. Pensar para nós é um ato. Nós estamos agora aqui elaborando um monte de coisas, elaborando um monte de conceitos aqui juntas. Mas isso só vai ter sentido quando tiver a ação. É agir, porque se não perde o sentido. Aí sim eu falo: “eu penso, eu ajo, por isso eu existo”. Mas então eu preciso sentir isso primeiro. Não é atoa que a gente tem cinco sentidos. E ainda tem um sexto que é esquecido. Que é o mais importante! Por exemplo, no momento, se eu não tivesse o olhar, a visão para estar te enxergando, eu usaria outro tipo de sentido, a audição, o toque. E aí eu tenho falado inclusive na questão que para nós, quando a gente diz: “o racismo é coisa de pele.” É porque ele nos pega como um todo. É todo porque a pele é o maior órgão do corpo. Até isso. Para nós não tem saída. E se as pessoas não perceberem isso, nós vamos acabar cada vez mais sendo arrastados para a barbárie. A humanidade como um todo. Então, esse princípio de que nós somos e só somos porque outros são. Porque o outro, para nós, é nós.

Ontem eu falava com uma amiga minha sobre subjetividade. Para nós não é sujeito. Porque o sujeito estabelece subjetividades, e elas são um cabedal de experiências. Para nós é singularidade. Eu sou um ser singular. Eu sou eu. Só eu que sou assim. Só eu que sou essa pessoa. Agora, eu só sou porque o outro é. Eu tenho que me reconhecer no outro. Porque a gente tem essa coisa de estar a serviço da coletividade, do coletivo, dos outros tons. E isso na lógica da matriz africana, que o coletivo, que a comunidade é o foco principal. Eu estou a serviço da comunidade, e não é o serviço serviente, é o serviço da horizontalidade, de todos somos todos.

Por que eu vou pisar numa formiga? Qual a necessidade que eu tenho de pisar numa formiga? A formiga não tá me incomodando. Coisa que no princípio da coisa, dessa convivência com o outro...

Eu não sei se tu assististe Avatar... O Avatar é matriz africana. Aquilo é matriz africana. Aquilo é tudo que a gente é. Tu vêes aquele filme enxerga tudo. Essas

analogias assim que a gente vai fazendo. Na matriz africana, na iniciação, no principio da oralidade, na conversa junto, na troca de conhecimento, na troca de saberes, no respeito ao teu conhecimento, no respeito ao orixá que tem dentro de ti, em respeitar o sagrado que tu és. Porque se eu te desrespeito eu estou desrespeitando a mim também. Se desrespeito o teu sagrado, estou desrespeitando o meu também.

Então, todos esses conceitos de solidariedade, de paz... A própria questão da sacralização que a gente vive sendo questionado. Mas para que? A gente vive da morte. Por que a gente come a plantinha que está ali, o pé de alface que está ali? Eu não tenho que arrancar ele da terra, da mãe dele? Se a gente começar a dramatizar mais daqui a pouco ninguém vai comer alface. Porque aí tu arrancas aquilo ali e nem pede licença. Nós da matriz africana temos que pedir licença, porque não arrancamos nada que não seja para a serventia. Tu tens que pedir licença para a Mãe Terra, tu tens que pedir licença para o espírito daquela planta ali. E tu arrancas aquilo vai lá e come. Quer dizer, tu botaste algo vivo para dentro de ti. Tu mataste. Para nós o sacrifício de animais é a mesma coisa. Mas se vamos fazer essa discussão, vão dizer: “ah, está ficando louco”. Mas é isso. Tu vives de morte. E de morte se vive e de vida se morre.

Patrícia Pinheiro: *Agora farei uma pergunta de ordem mais pessoal. Porque as religiões de matriz africana são perseguidas quanto ao sacrifício de animais mesmo existindo essa prática em outras religiões?*

Ìyá Sandrali: Sim, porque se as pessoas se dessem conta do significado disso. Óbvio que por trás de tudo isso... Porque nas outras religiões que tem isso como sagrado nem se cogita pensar. Para início de conversa nos colocaram no lugar de religião, nós somos uma tradição. As religiões judaico cristãs têm seus ritos e mesmo assim são consideradas tradicionais. A mesma coisa nós, também somos uma tradição e entendemos a espiritualidade da nossa forma.

Às vezes conversando com os africanos que vem para cá, principalmente o pessoal que é muçulmano, eles dizem: “isso que vocês fazem é a tradição, nós também fazemos”. E com isso eu não estou dizendo que batuque não é religião, estou dizendo que a gente estabelece a nossa religiosidade dessa forma. E o sistema nos colocou no lugar de religião. Se o sistema nos colocou nesse lugar, dane-se o sistema por dizer agora que nós não somos religião; “não! Foram vocês nos colocaram nesse lugar!”.

Nós tínhamos que praticar a nossa religião escondido, no escuro, tarde da noite para poder tocar nosso tambor. Mas agora nós não podemos tocar. Tanto que querem a gente toque de dia. Mas vocês não deixaram a gente tocar de dia e agora que nós temos toda a energia da noite vocês querem que a gente volte? Tudo isso está contido no racismo. O racismo é o grande problema da humanidade e da sociedade brasileira.

E voltando a tua pergunta, quando eu digo que a gente é semelhante à natureza, por exemplo, tu conhece pata-de-vaca? Qual é o formato da pata-de-vaca? (desenha na mesa) Parece um coraçãozinho e se tu olhar assim ela quebradinha (ao meio) parece um rim. O chá de pata-de-vaca é bom para que? Para infecção renal, para problemas cardíacos. Entende a associação que está se fazendo? Um pé de brócolis é a semelhança de um cérebro. Vai pesquisar quais são as propriedades do brócolis; são propriedades cerebrais. E parecem uns neurônios. A couve-flor também. Se a gente vai adentrar mais parece coisa de maluco, mas todo cientista é maluco.

Por exemplo, a comigo-ninguém-pode é uma planta que não comestível, mas também é uma planta que exala proteção. Os animais que são sacrificados nos terreiros são anestesiados, mas não com injeção e sim com plantas. Tem plantas que anestesiavam e são as que a gente usa. Mas não somos bobos. A gente já foi muito xenofílico de acreditar que o outro (por eu me reconhecer no outro) não vem com a intenção de me prejudicar. Hoje nós da tradição de matriz africana estamos numa sociedade em que não podemos dizer que plantas usamos. Porque tudo é roubado da gente. Daqui a pouco estão pegando essas plantas que a gente usa e nos apresentando uma injeçãozinha para darmos aos animais. Comércio, capitalismo.

Como fazem hoje com o dendê que no rótulo está escrito: “proibido para consumo humano”. Se é proibido para nós é proibido para nossos orixás. Porque dendê é alimento, alimento para o orixá é alimento para mim. Ou os potes de mel que tem no rótulo: “apenas para uso religioso”. Que uso religioso? O padre come mel na hora da missa? Somos nós! Bom, se é apenas para uso religioso, o que estão dizendo? Que não pode comer. Mas para nós o uso religioso é alimento. Que tem a ver com a corporeidade. Nós usamos tecidos de algodão para determinadas coisas que a gente faz e aí nos apresentam o TNT e insistem ainda: “não, isso aqui agora é assim. É isso que usam.”. Ora, vai se catar! Porque aquele tecido não é

biodegradável. A gente não conhecia esses termos, biodegradável. Agora a gente sabe o que acontece com a natureza quando tu largas coisa que não deveria. A gente não conhecia papel celofane, agora vêm as bandejinhas prontas com papel celofane. Mais prático, mais consumista. E aí, somos aquela gente lá que polui a natureza. A gente não conhecia plástico. A gente usava as cabaças, a gente usava o coco pela metade, a casca do coco. Introduzem outras coisas que não tem a ver. E na biologia e na botânica tu conheces mais coisa do que eu. Conhece mais ainda, muito mais.

A gente tem folhas e plantas abortivas e sabemos que é proibido. Ou fica a dúvida qual o momento que pode ser usado ou não usado? As vara de marmelo, me disseram, estão em extinção. Tu vais à flora e pede vara de marmelo e logo de cara tu vêes que não é vara de marmelo. E aí sempre tem uma briga na flora. Nós estamos enganando, estão nos forçando a enganar. Não é aquilo que se diz. Então de repente eu também não sou mais aquilo. E isso é uma questão da transformação da tradição movida pelo sistema capitalista. Que te força a mudar, a transformar. E não transformar para o melhor, essa é a grande questão. Transformar para o pior. Porque, por exemplo, sal marinho não te faz mal. Agora esse sal refinado processado faz. E pra nós negros mais mal ainda. Sal, açúcar. Os negros não tinham problemas de chupar a cana-de-açúcar, agora nós temos problema com o açúcar que vem a diabetes, que é um mal que me aflige.

Patrícia Pinheiro: *No seu terreiro tem alguma pessoa que tu considera como uma benzedeira? Ela passa esse conhecimento para alguém?*

Iyá Sandrali: A minha avó era benzedeira. Inclusive na época da minha adolescência eu lembro que os jogadores de futebol iam lá, do Internacional principalmente. Ela tinha umas ervas e umas poções que passava neles e também benzia de luxação, de ter se machucado. Mas isso tudo muito no sigilo. Não me lembro de nenhum deles dizer: “oh, eu fui à Dona Natalícia”. Eu não sou benzedeira. Não foi passado a nenhuma de nós, netas e filhas. Eu acho que isso é produto do desinteresse. E também tem uma coisa que a gente precisa compreender que depende dos dons que a pessoa tem. Tem gente que tem dom para a medicina. Médico tem aos montes por aí, mas tem médicos que nasceram para ser médicos, que é aquela paixão. Ou professor, tem gente que nasceu para ser professor. Então tem isso também, dos dons de cada um. Eu acredito que tem gente que cura pelas mãos. Isso são dons. São coisas que a gente... Bom, a ciência está estudando e tem

um monte de pesquisas aí que te afirmam. Mas é óbvio que tu vai estar sempre concorrendo.

As próprias bruxas. Quantas foram queimadas? Porque de repente o que a ciência não explica a ciência mata: “aquilo não pode”. Mas nós da matriz africana convivemos com isso, que isso é da pessoa e que isso faz parte dela. Faz parte dessa biomítica. Algo que está junto, misturado. Que às vezes tu não vai conseguir explicar, mas está ali, presente, tu vê, tu percebes. Assim, como tem pessoas que às vezes tu conversa com ela e tu sais e diz: “ai, meu deus! Que cansaço!”. Quer dizer, aquela pessoa te transmitiu uma energia tão pesada que te cansasses. Discursos que a gente ouve às vezes. Tu ouves e sai flutuando (estou falando de discurso acadêmico, não estou falando de pregação). E às vezes tu ouves: “meu deus, que soneira, que cansaço”, “que preguiça de ouvir fulaninho”. O que é isso? É um dom que tu tem? É um acúmulo de conhecimento? Não. Eu conheço um monte de gente com acúmulo de conhecimento e que não consegue passar. E aí eu tenho que reverenciar a minha mais velha a Macota Valdina que diz: “saber que morre com sábio não é saber”. Tem que passar de uma forma que as pessoas consigam daquele saber fazer outro saber. Não ficar lá fechadinho na academia, não serve. Tem que estar à disposição.

Acho que hoje os avanços e as buscas dos estudantes negros na academia mostram que eles começaram a se conscientizar de que devem ir além daquilo que estão aprendendo e está sendo mostrado. Vão além, vão buscar mais, porque nós somos mais do que só isso aqui! Eu acho isso fantástico e me disponibilizo sempre. “Quero falar da matemática do ponto de vista africano”, vamos lá! Porque se tudo nasceu de África, é lá que está o conhecimento. Tentaram nos emburrecer, mas não adianta. O povo agora vem e está buscando tudo, resgatando tudo, não querem nem saber. Por isso que querem nos matar.

Patrícia Pinheiro: *Qual é o orixá que representa as plantas?*

Ìyá Sandrali: Ossanha. Ossaim a gente fala. Ele é o guardião das plantas. Também é um orixá que está diminuindo. Tem, vou usar o termo, uma lenda, uma passagem, um itã, que diz: “só ele tinha o poder do conhecimento das plantas. Ele é o médico da tradição de matriz africana. E aí os outros orixás se reuniram e conversaram com a lansã: ‘só ele que tem esse poder’. E a lansã fez uma ventania e as folhas se espalharam. Tanto que o chamado dele, o sagrado, é ewé, que é folhas. Ewé, ewé, ewé porque ele fica desatinado quando as folhas começam a se espalhar. Então

cada orixá fica com uma folha, uma planta, as quais pertencem a ele, alguns ficaram com mais de uma. Mas o poder de utilização, o poder da mistura, o poder mágico, o poder da poção mágica, da poção de cura esse poder é do Ossanha. Mesmo os outros ficando lá cada um com as suas folhas, esse poder é dele.” E Ossanha é um orixá que tem muitas representações dele sem uma perna. Na realidade não é porque ele não tem uma perna, é um tronco, ele é um tronco inteiro. Ele é essa representação da planta, da árvore. Então às vezes fazem as representações, porque é aquilo, de repente tu vês de um jeito e tu queres representar. E sempre que tu fazes as representações tu não vais colocar o essencial ou o que realmente é, porque tu vais olhar com olho diferente daquele olho que foi a “criação”, eu diria assim. Aí vai o ocidental e vê aquele orixá lá representado por um tronco: “mas como eles são humanos, não são humanos?”, ou seja, um cara sem perna. E o pior ainda é que as pessoas começam a achar que todo o filho de Ossanha tem que ter um problema na perna. Não é assim! Não é porque ele não tem perna, não é perna, ele é um tronco. É a mesma relação que eu falo sobre a biomítica, dos arquétipos. A coisa acaba se descaracterizando porque vai usar padrões que não são os padrões africanos. E as pessoas não conseguem fazer essas viagens que a gente tá fazendo aqui. E as viagens de conhecimentos mesmo. Porque conhecimento é isso, a criação de conceito é isso, tu vais aprofundando. Todo conhecimento, toda invenção científica vem da observação. As coisas são tão simples elas estão aí. A complexidade é algo simples.

Patrícia Pinheiro: *Na Biologia a gente tem dois conceitos: o de Conservação e o de Preservação da Natureza. Há alguma relação desses conceitos com os terreiros e a religiosidade?*

Ìyá Sandrali: Tem um principio nosso bem simples: “cosi ewe cosi orixá”, sem folhas não tem orixá. Sem natureza não existe orixá. Sem planta não existe orixá. Então, como é que nós vamos sobreviver com tamanha devastação. Os maiores interessados de que seja preservado somos nós. Nós e os povos originários, os indígenas. Porque nós não vamos conseguir sobreviver sem as folhas. Nós não vamos conseguir sobreviver com coisas sintéticas, com alimentos sintéticos. O nosso corpo não vai conseguir sobreviver sem isso. Nós não vamos conseguir sobreviver sem a água. Se eu preciso da água para lavar a cabeça para te iniciar. Se eu tiver água mineral não é a mesma coisa. Á água mineral engarrafada não é a mesma coisa. Não tem o mesmo efeito. Porque ela foi inclusive manipulada. É bem

diferente de lavar tua cabeça numa cachoeira, vai te purificar na cachoeira, vai tomar banho dentro da água purificada.